

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

JOSÉ ADILSON VIEIRA DE JESUS

**SOPHIA MORA AO LADO: AVANÇOS E ENTRAVES DO ENSINO DE
FILOSOFIA NA REDE MUNICIPAL DE SÃO MATEUS**

**SÃO MATEUS- ES
2018**

JOSÉ ADILSON VIEIRA DE JESUS

SOPHIA MORA AO LADO: AVANÇOS E ENTRAVES DO ENSINO DE
FILOSOFIA NA REDE MUNICIPAL DE SÃO MATEUS

Dissertação de Mestrado apresentado à FVC
– Faculdade Vale do Cricaré no mestrado de
Ciência, Tecnologia e Educação.
Linha de pesquisa:

Orientadora: Professora Doutora Sonia Maria
da Costa Barreto

SÃO MATEUS – ES
2018

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

J58s

JESUS, José Adilson Vieira de.

Sophia mora ao lado: Avanços e Entraves do Ensino de Filosofia na Rede Municipal de São Mateus – São Mateus / ES / José Adilson Vieira de Jesus – São Mateus - ES, 2018.

87 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2018.

Orientação: Prof.^a Dra. Sonia Maria da Costa Barreto.

1. Filosofia. 2. Ensino Fundamental. 3. Educação. I. Barreto, Sonia Maria da Costa. II. Título.

CDD: 370.1

JOSÉ ADILSON VIEIRA DE JESUS

**SOPHIA MORA AO LADO: AVANÇOS E ENTRAVES DO ENSINO
DE FILOSOFIA NA REDE MUNICIPAL DE SÃO MATEUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovado em 19 de outubro de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Sônia Maria da Costa Barreto
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Prof. Dr. Sebastião Pimentel Franco
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Dra. Josete Pertel
Faculdade Multivix São Mateus

DEDICATÓRIA

**As minhas alunas preferidas: Ana Flor e Maria Heloisa.
Fonte de amor, carinho e inspiração. Fazem-me voltar à infância.**

AGRADECIMENTOS

A minha mãe que me deu o mundo ao me dar a luz! Deu me ainda educação e incentivos para estudar e conhecer o mundo, e mesmo nas dificuldades nunca me faltou carinho e afeto.

A minha esposa Sila Mesquita, Apurinã que me desafia todos os dias a olhar o mundo de forma diferente e a buscar a cada dia novos desafios. A você, meu amor incondicional!

Aos meus filhos que me ajudam nas reflexões do dia a dia e a não me perder no caminho. Vocês são luzes que iluminam as terras por onde ando. Amo vocês!

A meus Irmãos Kinha, Paulo e Kel por me ajudarem a ser gente. Agradeço a compreensão pelas ausências.

Aos colegas da Secretaria Municipal de Educação, pelas reflexões e colaborações. Todos foram muito importantes, mas não posso deixar de nominar Zenilza e Rosangela pelo Companheirismo.

Aos Professores de Filosofia da Rede municipal que tanto me ajudaram, principalmente Ana Paula, Mauro, Fernando, Belarmino e não poderia deixar de falar do Professor Almir pela dedicação e pelo tempo dedicado a me atender.

Aos colegas de minha turma de Mestrado, aprendo muito com cada um de vocês.

A todos que aceitaram ser entrevistados agradeço de coração a ajuda que deram para a realização deste trabalho de pesquisa. Sem vocês não seria possível, especialmente Dena e Adriana!

Por fim um agradecimento especial ao Professor Doutor Sebastião Pimentel Franco e a Professora Doutora Josete Pertel, que junto com a minha maravilhosa orientadora, mais que uma amiga, Professora Doutora Sonia Maria da Costa Barreto se dispuseram a participar da Banca Examinadora.

A todos e todas que de alguma forma me ajudaram e incentivaram a realizar esta dissertação meu muito obrigado.

“A vida sem reflexão não merece ser vivida”

(Sócrates)

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação tem por base descrever e ao mesmo tempo debater acerca da implantação da matéria Filosofia na grade curricular da Rede Municipal de Educação do município de São Mateus, norte do Espírito Santo. Este trabalho quer ser apenas um instrumento para o debate, visto que nos últimos 25 anos muito se fez e continua a ser feito para se implantar a matéria como mais um instrumento de fortalecimento da educação no município. Procuramos problematizar os avanços e os entraves, os encontros e os desencontros bem como a distância entre a intenção e o gesto de uma administração pública ao querer implementar uma matéria como a Filosofia numa Rede Pública de Ensino. O trabalho busca um resgate histórico dos principais atores sociais, bem como fatos e eventos que ajudaram ou atrapalharam nesta caminhada de 25 anos da Filosofia na Rede municipal de Educação de São Mateus. Faz uma análise desta trajetória e busca a luz de teóricos como Lippman e Kohan refletir e contextualizar, analisar e problematizar o Ensino de Filosofia no Ensino Fundamental no município de São Mateus. Na sua descrição teórico metodológica, usamos entrevistas abertas com Professores e coordenadores de área do município e buscamos criar um mapa conceitual com autores como Gil, Gallo e Silveira, e assim trabalhamos para observar e problematizar as opções do município bem como o que pensa e quem são os professores de Filosofia da Rede Municipal de São Mateus. Por fim reafirma o acerto do município ao apostar na experiência do pensamento já nas series iniciais da educação básica.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino Fundamental. São Mateus.

ABSTRACT

This Master's thesis on Science, Technology and Education has its basis on describing and at the same time debating the implementation of Philosophy in the curriculum of the Municipal Education Network of the municipality of Saint Matthew, located on the north of Espírito Santo. This work has been determined to be only an instrument for the debate, since in the last 25 years much has been done and continues to be done to implant this discipline as an instrument to strengthen the education in the municipality. We try to problematize the advances and the obstacles, the agreements and the disagreements as well as the distance between the intention and the gesture of a public administration when wishing to implement a subject like Philosophy in a public network of teaching. The work seeks a historical rescue of the main social figures, as well as facts and events that helped or hindered the advances in this 25-year journey of Philosophy in the Saint Matthew Municipal Education Network. It makes an analysis of this trajectory and seeks the light of theoreticians such as Lippman and Kohan to reflect and contextualize, polish and problematize the Teachings of Philosophy in Elementary Schools in the municipality of Saint Matthew. In its theoretical methodological description, we present open interviews with teachers and coordinators of the area of the municipality and sought to create a conceptual map with authors such as Gil, Gallo and Silveira, and so we also worked to observe and problematize the municipality's options as well as what they think, and who are the teachers of Philosophy in Saint Matthew Municipal Network. Finally, reaffirming the correctness of the municipality by betting on the experiment of thinking already in the initial series of basic education.

Keywords: Philosophy. Elementary School. Saint Matthew.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Localização de São Mateus.....	53
Figura 02 - Folder do I Seminário da História da Filosofia para Crianças em São Mateus.....	69
Figura 03 – Capa do Folder do SEMFILI.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Docentes e Formação.....	43
Quadro 02 – Docentes e Formação por Unidade de Ensino.....	44
Quadro 03 – Escolas e Profissionais de Filosofia – Rede Municipal de São Mateus.....	45

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 – Sítio Histórico Porto de São Mateus.....	57
Fotografia 02 – Professoras Dena e Adriana. Pioneiras no Ensino de Filosofia na Rede Municipal de São Mateus.....	66
Fotografia 03 – Professores e Coordenadores da Área de Filosofia de São Mateus em Entrevista.....	67
Fotografia 04 – Seminário SEMFILI na Faculdade Vale do Cricaré.....	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	19
3 METODOLOGIA	25
3.1 SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	28
4 FILOSOFIA: BREVE HISTÓRICO E BASES LEGAIS	30
4.1 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS	35
4.2 ENSINO FNDAMENTAL EM SÃO MATEUS/ES	41
4.3 PROFESSORES DE FILOSOFIA	45
4.4 DIRETRIZES DE BASE DO ENSINO DA FILOSOFIA	48
4.5 MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS/ES	53
5 FILOSOFIA PARA CRIANÇAS	59
5.1 FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NO BRASIL	62
5.2 FILOSOFIA PARA CRIANÇAS EM SÃO MATEUS: HISTÓRICO	65
5.3 SEMFILI – SEMINÁRIO INTERNACIONAL: EDUCAÇÃO, FILOSOFIAS, INFÂNCIAS.....	72
5.4 CAMINHANDO SE FAZ O CAMINHO	76
CONSIDERAÇÃO FINAIS	79
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	86

1 INTRODUÇÃO

A Filosofia sempre esteve presente na vida das pessoas. Nas expressões populares, nas pesquisas científicas e no linguajar do povo sempre encontramos frases ou resquícios do pensamento de um ou outro filósofo. Os filósofos são e foram motivos de referência para toda a humanidade, seja para imperadores, governantes, cientistas, intelectuais, artistas e pessoas comuns. A Filosofia é aquela que perturba, provoca, mexe, incita, cria uma insatisfação e apazigua. Na Filosofia não existe o já concluído. O que é acabado será sempre o início do novo que está para chegar.

Entretanto, temos que reconhecer que esta sabedoria ainda é desconhecida da grande maioria das pessoas. Este desconhecimento se dá pelo preconceito de que a Filosofia é algo que complica o que poderia ser simples ou de que ela é coisa de outro mundo. Não se pode negar que este preconceito ajudou a elitizar a Filosofia, confinando-a em espaços onde poucos tinham acesso. Este processo de elitização contradiz o objetivo para o qual a Filosofia foi criada, que era para ensinar aos rudes, fazer os jovens e todos aqueles que passassem pelas praças pensar e discutir ideias nas praças públicas e nas ruas. A praça é o lugar da Filosofia. O lugar de Sophia.

Sophia nasce como objeto de amor, e Aristóteles a define como a Ciência do ser enquanto ser, a ciência dos primeiros princípios e das primeiras causas, a ciência da causa absolutamente primeira. Sophia é grega de nascimento e surgiu por volta dos séculos IX a.C e VIII a.C. Podemos afirmar que os primeiros filósofos gregos praticavam seus ensinamentos de forma oral e raramente escreviam por isso a praça era o lugar preferido de Sócrates, o filósofo grego considerado um dos mais importantes de todos os tempos. Sócrates caminhava pelas ruas e praças de Atenas na sua prática filosófica que consistia em conversar, com todos e a partir das conversas e reflexões com as pessoas, principalmente as mais jovens.

Sócrates inquietava os atenienses dia e noite e com isso reorientou a Filosofia grega, que nasceu centrada na natureza e seus fenômenos e a partir dele passa a ter interesse no homem e na sua realidade, sempre buscando admirar e criticar.

Sophia é curiosa e muito crítica, pois é inconcebível que o homem viva em contato com a realidade e não se questione, não pergunte e não fique perplexo com tudo o que acontece a sua volta. É como ter uma vida sem consciência de nada, nem mesmo de sua existência. Sócrates afirmava que uma vida sem reflexão não merece ser vivida.

Apesar de Sócrates ter levado Sophia para a reflexão das coisas do homem, ele quase não registrou, de forma escrita, as suas concepções. Coube a Platão e Aristóteles a missão de continuar contribuindo para o pensamento em torno do ser humano e da sua realidade, deixando suas reflexões registradas em várias obras escritas.

Platão afirmava que o ser humano é formado de um corpo físico, material, imperfeito e mortal e de uma alma, imaterial, perfeita e imortal. Porém não se pode pensar o ser humano como somente um corpo ou somente uma alma e que existe uma ligação indissolúvel entre os dois. Daí as bases para o que chamaremos mais tarde de o “dualismo psicofísico”, ou o “dualismo de Platão”. (Sobrinho, 2007)

Aristóteles avançou um pouco mais nos estudos filosóficos sobre o ser humano, no qual distingue os vários atributos da alma e afirma que o mais importante é a razão. Ele ainda define o ser humano como um animal racional e político. Ao fazer esta afirmação Aristóteles nos coloca como seres dotados de pensamento e de linguagem e por isso somos seres sociais, políticos, que não apenas vivemos em comunidade, mas que só realizam plenamente sua humanidade vivendo sua vida política.

No Brasil, a Filosofia chegou com os colonizadores, quando fundaram, *a posteriori*, a primeira escola de Filosofia em 1572, confirmado por Serafim Leite, (1948. p. 107):

O primeiro curso de Filosofia que se leu no Brasil ocorreu no ano de 1572. No fim dele, o Colégio da Bahia deu o grau de Mestre em Artes aos estudantes de fora; aos de casa também, aos que o mereciam ou se destinavam a Mestres. A primeira colação de grau de bacharel em Artes é de 1575; e do ano seguinte a licenciatura. E em 1580 a Companhia de Jesus iniciava os estudos de Filosofia no Colégio de Olinda.

O grande historiador da Companhia de Jesus no Brasil – Serafim Leite, (1937. p. 136) diz que coube ao padre António Vieira escrever o primeiro Curso de Filosofia no Brasil, como livro de texto para as lições que proferiu no Curso de Artes nos anos de 1629 e 1632, registradas em referências e em correspondências avulsas. Portanto, podemos afirmar, de que se ensinava Filosofia no decorrer do século XVI no Brasil Colônia.

Poderíamos ficar discorrendo pela história contando inúmeros fatos sobre a importância da Filosofia na história da educação no Brasil e no mundo, entretanto nos debruçaremos sobre a inclusão da disciplina Filosofia na rede municipal de educação do município de São Mateus – Espírito Santo.

Ao trazer a Filosofia para o Ensino Fundamental, o município de São Mateus age como os primeiros filósofos, e sugere que ensinar e aprender Filosofia são uma oportunidade para transformar o que pensamos e o modo em que vivemos e somos. Mas como surgiu essa ideia e essa lógica de colocar a Filosofia nos anos iniciais do ensino público? Assim, propomos como problema: Quais impactos se esperam da Filosofia na formação intelectual dos alunos da rede de ensino municipal de São Mateus e a formação dos professores de Filosofia no município? Refletir estas questões e observar como esse processo se desenvolve, bem como seus entraves e avanços é a proposta de trabalho que nos inquieta. Dessa forma, nos propomos a responder estas questões, a fim de valorizar os saberes contidos nessa disciplina e emanados pelas políticas públicas.

Entretanto, não pretendemos aqui realizar um tratado sobre a Filosofia no Ensino Fundamental de uma rede pública de ensino, pois sabemos que a Filosofia por si só é um mundo vasto. Procuraremos dar destaques a questões para serem refletidas, serem debatidas, e procuraremos ao mesmo tempo fazer um relato histórico sobre o ensino da Filosofia, sua importância e sua contribuição na rede pública escolar.

Para tal, apresentamos como Objetivo Geral:

- Investigar a trajetória da disciplina de Filosofia na Rede Municipal de Educação em São Mateus/ES e a relevância que essa disciplina traz para melhor reflexão da sociedade atual.

O projeto se dará por meio de pesquisa a ser desenvolvida em escolas da Rede Municipal de Educação de São Mateus e com professores que lecionam a matéria de Filosofia.

E como Objetivos Específicos:

- Investigar como e quando o município de São Mateus implantou a disciplina Filosofia na grade curricular do Ensino Fundamental.
- Relatar se houve avanços e verificar benefícios dessa disciplina aos alunos do Ensino Fundamental da rede municipal de educação do município de São Mateus.
- Refletir sobre as estratégias utilizadas pelos professores no cotidiano da sala de aula ao ministrarem a disciplina Filosofia.

A Metodologia será norteada pela pesquisa bibliográfica e análise de documentos sobre o ensino da Filosofia no Ensino Fundamental. Essa etapa será realizada por meio de investigação de documentos e relatórios que se encontram na Secretária de Educação do município de São Mateus, pela leitura e fichamento dos principais autores sobre a temática da Filosofia no Ensino Fundamental na escola pública e também com entrevistas a coordenadores de área e professores de Filosofia do município de São Mateus.

Para melhor apresentar a pesquisa, ela está organizada em capítulos, os quais são descritos e fundamentados com os autores lidos e referenciados: capítulo 1: Introdução – neste capítulo descrevemos sobre Sophia, seu nascimento na Grécia e sua expansão pelo mundo, bem como a sua importância e adoção de suas práticas pelo município de São Mateus para a instrução daqueles que estão nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede Pública Municipal, local do desenvolvimento da nossa pesquisa. Entender os desafios e os entraves que se encontraram e ainda se encontram ao ensinar as infâncias do município a filosofar são questões que nos inquietam e que esperamos esta pesquisa nos ajude e nos permita chegar aos resultados esperados conforme problema e objetivos propostos;

Capítulo 2: apontaremos autores que orientam a pesquisa e o desenvolvimento da escrita sobre a disciplina Filosofia no Ensino Fundamental. Nesse sentido, nosso

Referencial Teórico nos leva a apresentação de autores, como LIPMAN (1990, 1998); KOHAM (1998, 2009), dentre outros e seus relevantes aportes teóricos, buscando distinguir concepções e ideias sobre o ensino de Filosofia e a inserção da Filosofia no currículo da Rede Municipal de Educação em São Mateus; capítulo 3, descrevemos sobre a metodologia. Esta será baseada na pesquisa bibliográfica como referência ao ensino de Filosofia no Ensino Fundamental, que é o nosso objetivo principal, além da relevância da disciplina para melhor entender a sociedade, e na pesquisa de campo que será realizada na Secretaria Municipal de Educação de São Mateus/ES e com professores de Filosofia que atuam nas escolas do mesmo município, com abordagens de autores como GIL (2008) e GONSALVES (2001), onde faremos entrevistas e criteriosa descrição e análise destas entrevistas; capítulo 4, apresentamos o cerne da pesquisa, ou seja, o histórico e as bases legais da Filosofia (Sofia), a Rede Escolar de Ensino Fundamental no município e como a disciplina é abordada e desenvolvida, além da contextualização histórica do município de São Mateus; capítulo 5 apresentamos os resultados colhidos por instrumentos próprios e as devidas análises demonstradas, para melhor entendimento e visualização, em gráficos elaborados pelo pesquisador. E após, apresentamos as Considerações Finais, Referências, Apêndices e Anexos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico é composto de duas partes, onde no primeiro momento faremos uma revisão de literatura e no segundo apresentaremos os autores que embasarão a presente pesquisa. Após breve análise das produções acerca do tema “o ensino da Filosofia no Ensino Fundamental”, destacaremos os autores que tem apresentado contribuições relevantes acerca do tema. Assim, podemos destacar LIPMAN (1990, 1994); KOHAM (1998, 2009); Sílvio Gallo (2004), CHAUI (1995); H. NETO (1986); Souza (2003) Japiassu (1974). Todos estes autores tratam do ensino da Filosofia e do saber filosófico, sendo que LIPMAN e KOHAM trabalham sobre o aspecto da Filosofia na infância e no ensino fundamental, lembrando que o saber filosófico não é um saber desinteressado, pois todo conhecimento aponta para interesses específicos nas suas áreas de interesse.

A Filosofia é importante porque possibilita crítica sobre os demais saberes e constantemente volta-se para si, porque não há uma ‘neutralidade filosófica’ em benefício da Filosofia. A própria Filosofia exerce uma crítica interna para que não se perca em reducionismos ou dogmatismos, pois, não basta ensinar a disciplina, temos de constantemente perguntar: qual Filosofia? Essa pergunta leva explicitar os princípios e os valores subjacentes à sua concepção filosófica.

Japiassu (1974, p.104) alerta que:

As grandes interrogações que os filósofos do passado fizeram permanecem no presente: os homens de hoje continuam a se colocar problemas sobre eles mesmos, sobre a vida, sobre a sociedade, sobre a cultura, sobre o transcendente etc., que constituem verdadeiros desafios à nossa atividade reflexiva.

Entretanto é sempre bom afirmar que a busca de uma educação emancipatória não está somente sob a responsabilidade da Filosofia. Mas, sem ela, com certeza, torna-se mais difícil compreender as implicações e o significado dessa educação. Uma educação reflexiva precisa que cada tema assuma sua responsabilidade crítica perante a sociedade e a realidade na qual está inserida. Para isto é preciso que alunos e professores tenham uma aprendizagem significativa e reflexiva, e a Filosofia nos leva a essa reflexão.

Lipman (1995) ratifica que a Filosofia se reveste de um caráter de participação ativa. Não se ensina Filosofia, não se decora Filosofia, aprende-se a filosofar filosofando sobre a vida, sobre o mundo. Portanto, a Filosofia para crianças é uma forma de permitir-lhes poder afirmar-se e definir-se progressivamente, com a ajuda de outras áreas afins. Defender a necessidade do ensinamento filosófico já no pré-escolar ou no Ensino Fundamental é uma “revolução pedagógica”, isto é, chama em causa o sistema de ensinamento filosófico tradicional. Por que “revolução pedagógica?” Porque o que Lipman visa a atingir é encorajar e favorecer o desenvolvimento intelectual do ser humano e ajudar as crianças a terem um pensamento refinado sobre os assuntos contidos na grade curricular do ano cursado ou em curso.

Quando pensamos hoje na viabilidade do ensino da Filosofia no Ensino Fundamental, temos que voltar ao passado e lembrar que os primeiros filósofos se preocuparam com um tipo de saber que fosse capaz de superar o pensamento mitológico, um estilo primário de conhecimento, definido como “doxa”, ou saber ingênuo, simplista, e também como opinião, pois não queriam confundir com o dogmatismo das doutrinas e adivinhações mitológicas vigentes. O ponto que delimitava a intencionalidade do saber filosófico que estava nascendo era a distância de um saber primário, dito também senso comum, e a negação do saber mitológico.

Assim, lemos em Aristóteles (1985, p. 982b) que:

[...] foi pela admiração que os homens começaram a filosofar tanto no princípio como agora; perplexos, de início, ante as dificuldades mais óbvias, avançaram pouco a pouco e enunciaram problemas a respeito das dificuldades ainda maiores, como os fenômenos da Lua, do Sol e das estrelas, assim como da gênese do universo; [...] portanto, como filosofavam para fugir à ignorância, é evidente que buscavam a ciência a fim de saber, e não com uma finalidade utilitária.

Nesse sentido nos interessa abordar a questão do ensino de Filosofia como um problema filosófico, a partir da compreensão do sentido desse ensino nas escolas de Ensino Fundamental. Como afirma Alejandro Cerletti (2004, p. 19):

Nos últimos anos, o enfoque filosófico das condições e possibilidades do ensino da Filosofia adquiriu um grande desenvolvimento. Nesse sentido, a questão de ensinar Filosofia começa a ser vista como um problema propriamente filosófico – e também político -, e não como uma questão exclusiva ou basicamente pedagógica.

Daí a importância de enfatizar o aspecto educacional da disciplina de Filosofia para crianças do Ensino Fundamental, pois é possível ver a possibilidade de aprendizagem como forma de fugir das frases feitas, ou da aprendizagem, sem significação¹. Os alunos, desde pequenos, são capazes de aprender a pensar por si mesmos. A Filosofia no Ensino Fundamental, dentre outros aspectos, enfatiza ainda que os erros ou coisas aparentemente sem importância que os alunos dizem durante as aulas, longe de serem tolices, constituem, na verdade, uma etapa importantíssima para o desenvolvimento do raciocínio hipotético-dedutivo, uma vez que representam seus pontos de vista pessoais. Além do mais, nenhum sistema de pensamento é estabelecido apenas com proposições acertadas; o erro e as tentativas de acerto estão também inseridos neste processo, até para que a verdade daí inferida possa ser de fato percebida como a alternativa mais plausível e coerente ao que se pretende sustentar por meio do raciocínio lógico. E os alunos têm todo o direito de conhecer este processo.

Lipman (1995, p. 60) faz a seguinte afirmação:

Podemos esperar que Filosofia para crianças dê frutos numa sala de aula heterogênea, onde estudantes falem sobre uma variedade de experiências e estilos de vida, onde se explicitem diferentes crenças na importância das coisas, e onde uma pluralidade de maneiras de pensar, em vez de serem depreciadas, sejam consideradas inteiramente valiosas. Na aula de Filosofia para crianças aceitam-se os argumentos procedentes do pensador metucioso com o mesmo respeito dispensado aos que apresentam seu ponto de vista de modo rápido e articulado.

E ainda complementa: “[...] que o importante não é a idade mas a forma de ensinar Filosofia, a maneira como ela é ensinada na sala de aula. Lipman (1995 p.62).

Nos últimos anos a Filosofia tem acumulado significativo espaço no campo pedagógico. Cada vez mais vemos que muitos problemas que incidem na Educação Infantil dizem respeito à falta de motivação com que os alunos cumprem suas tarefas educacionais corriqueiras. E isto, quase sempre, é resultado de uma falta de sintonia entre os gostos e interesses que eles manifestam e aquilo que lhes é

¹ Aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não-litera, não ao pé da letra, e não arbitrária. Significa que a interação não é com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende.

apresentado na escola como algo a ser aprendido de maneira dogmática, havendo poucas possibilidades de questionamentos e opiniões divergentes.

Uma das grandes dificuldades com que se deparam os alunos na escola diz respeito ao modo como as teorias lhes são apresentadas, quase nunca lhes sendo revelado o processo por intermédio do qual se obteve o resultado em questão. Sendo assim, os alunos são impelidos a decorar fórmulas e regras que em si mesmas têm pouco ou nenhum sentido relacionado à suas práxis, o que, por extensão, torna o aprendizado entediante e descontextualizado para eles, uma vez que o resultado já pronto priva-os de conhecer o percurso que foi feito para alcançá-lo enquanto teoria científica. Daí a importância de uma educação de base filosófica, mesmo nos níveis mais elementares da formação escolar individual, para que desde cedo as crianças aprendam a questionar, analisar criticamente e divergir (quando for o caso) das opiniões e conceitos pré-estabelecidos.

Reconhecendo que um dos grandes problemas da educação tradicional é a ausência da participação dos alunos durante as aulas, temos a ideia do quão desmotivador pode ser o ensino em qualquer área, quando a contribuição individual de cada aluno não é estimulada efetivamente. O aprendizado, em vez de prazeroso, torna-se uma simples obrigação que em muito pouco irá impelir o indivíduo a fazer o máximo uso das suas aptidões, uma vez que, estará desatrelado da sua vida cotidiana.

Todavia, julgamos que Sócrates, desde a antiguidade nos diz que a sabedoria consiste em saber que nada se sabe nos remete ao que unicamente pode prorromper um diálogo real e profícuo entre os homens: a humildade em reconhecer que a verdadeira sapiência é de ordem transcendente, sendo por isto mesmo inesgotável e inapreensível em sua amplitude. O professor que consegue atentar para a provisoriedade (e relatividade) do seu conhecimento é o único capaz de permitir, na concepção socrática, que os alunos apreendam o mundo por seu intermédio. Eis a razão precípua do diálogo filosófico na educação contemporânea.

De modo análogo, Martin Buber (2001) também nos diz que quanto mais o professor julga que é ele quem ensina, mais ele se afasta da verdadeira educação, pois a

essência da atividade do educador é ensinar sem se perceber como tal, uma vez que quem realmente educa é o mundo, donde podemos concluir que a educação filosófica é, antes de tudo, diálogo investigativo.

A Filosofia na educação, dentre outros aspectos, enfatiza ainda que os erros ou coisas aparentemente sem importância que os alunos dizem durante as aulas, longe de serem tolices, constituem, na verdade, uma etapa importantíssima para o desenvolvimento do raciocínio hipotético-dedutivo, uma vez que representam seus pontos de vista pessoais. Além do mais, nenhum sistema de pensamento é estabelecido apenas com proposições acertadas; o erro e as tentativas de acerto estão também inseridos neste processo, até para que a verdade daí inferida possa ser de fato percebida como a alternativa mais plausível e coerente ao que se pretende sustentar por meio do raciocínio lógico, e os alunos têm todo o direito de conhecer este processo.

Importante é também enfatizar que a vivência da Filosofia na sala de aula em muito contribui para que os alunos adquiram segurança própria e gosto pelo aprendizado, pois quando praticada de maneira dialógica e integrada, a Filosofia acaba desenvolvendo nos alunos uma autoestima equilibrada, uma vez que todos passam a reconhecer a importância e o valor das suas próprias ideias para o enriquecimento do grupo enquanto totalidade. Deste modo, por intermédio da Filosofia os alunos são convidados a refletir sobre aquilo que aprendem, desenvolvendo assim o pensamento crítico e o interesse pela pesquisa científica. Ela os encoraja a expressar livremente suas opiniões sem medo de errar e com isso serem ridicularizados pelos colegas ou incompreendidos pelos seus professores, o que torna as aulas mais dinâmicas e o ensino mais criativo para ambas as partes envolvidas na construção do conhecimento.

A nossa proposta vem a ser, portanto, pesquisar como se dá e qual a importância da Filosofia no Ensino Fundamental no município de São Mateus/Espírito Santo? Entendemos, pois, que a função primordial da escola é capacitar os indivíduos para o melhor desempenho possível nas suas atribuições intelectuais e sociais, julgamos ser fundamental o espaço dedicado à Filosofia na construção da subjetividade dos educandos, uma vez que, sendo cultivadas ainda nos níveis elementares da

educação formal, as múltiplas habilidades de pensamento promoverão mudanças substanciais no desenvolvimento integral do ser para que pensem com autonomia.

Por essas razões, a familiaridade com a Filosofia possibilita - tanto a nós, professores, quanto aos nossos alunos - refletir sobre a realidade que nos cerca, para então podermos modificá-la. Entretanto, para que uma reflexão seja efetuada, é necessário saber interpretar o mundo verbal e não-verbal em que vivemos, para que assim nos seja possível emitir juízos racionais e intuitivos. Afinal, sobre a importância da Filosofia na educação podemos dizer que:

"[...] não se trata apenas de se instruir numa determinada habilidade nem de se apropriar de um acervo de conhecimentos. Trata-se, ao contrário, de se instaurar, de se desenvolver e de amadurecer um estilo de reflexão, um modo de pensar, um jeito especial de fazer atuar a subjetividade." (KOHAN, 2003, p.81)

Por intermédio da vivência dos conceitos de Filosofia que norteiam todos os ramos do conhecimento, os alunos tornar-se-ão mais críticos, inquiridores e seguros da sua própria capacidade de aprender, apreender e dar, eles mesmos, suas próprias contribuições aos diferentes domínios do saber humano. E nós, enquanto educadores praticantes de Filosofia estaremos sempre refletindo sobre a nossa prática docente, num mecanismo ininterrupto de autoavaliação e autoaperfeiçoamento, sobretudo no que tange ao modo como lidamos com os conhecimentos adquiridos.

Sabemos que a Filosofia tem o poder de potencializar o desenvolvimento das múltiplas habilidades individuais. Entretanto, isto ocorrerá tão somente mediante uma reformulação pedagógica, onde mesmo a postura do professor em sala de aula seja afetada por uma cada vez mais premente necessidade do diálogo crítico e investigativo na aquisição do conhecimento (este não mais transmitido pelo mestre; antes, porém, compartilhado entre mestre e aprendizes). Daí a função das comunidades de investigação, como sugere Matthew Lipman (1995).

Assim sendo, este é para nós o principal objetivo do ensino da Filosofia não enquanto disciplina formal, mas sim como a prática sistematizada do pensar, que perpassa todas as demais disciplinas do currículo escolar.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa terá a adoção de uma metodologia de pesquisa qualitativa com características etnográficas, entrevistas e análise de documentos, desenvolvida na Rede Municipal de Educação, nas Instituições Públicas de Ensino do Município de São Mateus que possuem a disciplina Filosofia na sua grade curricular, ou seja, nas EMEFs e em alguns momentos pesquisando documentos existentes na Secretária Municipal de Educação.

Dada a sua importância, citam-se conceitos e características da pesquisa qualitativa, segundo a literatura pesquisada. A Pesquisa Qualitativa é uma “expressão genérica”. Deve-se verificar que ela possui atividades de investigação que se apresentam de forma específica e possuem características de traços comuns percebidos em dois aspectos: o primeiro, as peculiaridades da pesquisa qualitativa e o segundo, as modalidades dos tipos de investigação.

A pesquisa qualitativa surgiu na antropologia de maneira mais ou menos naturalística, e na sua tradição antropológica ficou conhecida como investigação etnográfica. Alguns a definem como sendo “o estudo da cultura”. Cabe aqui salientarmos algumas de suas denominações:

A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 124).

Para o embasamento teórico deste estudo será realizada uma atenta revisão de literatura acerca do tema, sobretudo dos principais autores evidenciados na temática proposta, entre eles Walter Omar Koham (2009) e Matew Lipmam (1994) que escrevem sobre o assunto focado na atualidade.

Nesse sentido a pesquisa bibliográfica será feita segundo Gil (2008, pág. 51),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

Ainda, com relação às vantagens propiciadas por esse tipo de pesquisa, Gil (2008, pág. 51), ressalta que:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre a população ou renda per capita; todavia, se tem à sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários.

Tendo em vista que de certa forma, nos nortearmos em dados filosófico/ históricos, o levantamento bibliográfico terá como referência o ensino da Filosofia no Ensino Fundamental, onde focaremos na relevância da disciplina para melhor se entender a sociedade. Cabe ressaltar que nossa pesquisa também tem fundamentos sociológicos, o que significa que a necessidade da teoria surge em face das interrogativas que se apresentarão no decorrer do estudo, ou seja, poderemos no desenvolvimento dos trabalhos nos apoiar em outros referenciais teóricos, caso seja necessário.

O presente estudo terá características etnográficas, uma vez que a utilizaremos entrevistas com os professores de Filosofia do município de São Mateus, ou seja, descrever, compreender e interpretar as formas e os fenômenos que o ensino da Filosofia traz para o Ensino Fundamental no município de São Mateus. Consideramos que os fenômenos educativos têm lugar no contexto escolar e não figuram apenas como a definição clássica de etnografia – esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade.

Etimologicamente etnografia significa "descrição cultural". Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. (ANDRÉ, 2013, p. 27).

Lembramos que o propósito da pesquisa etnográfica na educação é descrever, analisar e interpretar uma faceta ou segmento da vida social de um grupo e com isso se relacionar com a educação.

André (2013, p. 97) também traz uma abordagem desse tipo de pesquisa, intensificando que,

Na perspectiva das abordagens qualitativas e no contexto das situações escolares, os estudos de caso que utilizam técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas intensivas possibilitam reconstruir os processos e relações que configuram a experiência escolar diária.

Na pesquisa qualitativa que depende da opinião do outro e revela os significados atribuídos pelos que irão participar do estudo, a entrevista é uma das estratégias eficaz para a consolidação da pesquisa, porém ela precisa ser bem planejada e elaborada para dar abertura ao participante de expor o seu posicionamento mediante o roteiro prescrito (ANDRÉ, 2013).

Serão analisados, durante a pesquisa, alguns materiais necessários, levando em consideração todos os documentos, pessoais, legais, administrativos, formais e informais, como cita André (2013, p.100),

“O pesquisador deve ter um plano para seleção e análise de documentos, mas ao mesmo tempo tem que estar atento a elementos importantes que emergem na coleta de dados”.

Assim, a pesquisa tem, nas entrevistas com professores de Filosofia do Ensino Fundamental e na coleta de dados e de documentos na Secretaria de Educação, a finalidade de comprovar fatos e fenômenos da maneira como ocorreram na realidade. Posteriormente, pretendemos, para a obtenção de resultados seguros e confiáveis, analisá-los e interpretá-los, com base em uma fundamentação teórica sólida e bem fundamentada, com o objetivo de compreender e explicar os desafios e entraves do ensino de Filosofia na rede municipal de São Mateus.

Tal pesquisa contará com uma amostra constituída por gestores da Secretaria Municipal de Educação que atuam ou atuaram na coordenação de área onde a disciplina Filosofia está inserida, bem como professores que lecionam a matéria nas escolas do município.

Estaremos nos ancorando na aplicação de questionários e/ou entrevistas, que Gil (2008, p.109) define como [...] bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes”. Define ainda a entrevista como:

A técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (Gil, 2008, pág. 109.)

Não é por acaso que a entrevista é uma das técnicas mais usadas no âmbito das ciências sociais. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação.

3.1 SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Entrevistaremos um grupo de cinco professores que foram coordenadores da área de Filosofia desde que a matéria foi introduzida no currículo da rede municipal de educação de São Mateus até o coordenador atual, para entender as motivações, que levaram a inserção da matéria Filosofia no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação, bem como saber os entraves, os avanços e recuos que ocorreram.

Outro grupo que será entrevistado é o de professores de Filosofia que estão hoje lotados em cinco escolas do Ensino Fundamental da rede municipal e dialogar sobre a questão em que se discute a retirada da referida disciplina dos currículos onde a mesma se faz presente.

As entrevistas, ferramenta utilizada na pesquisa etnográfica, vão acontecer por meio de perguntas semiestruturadas, ou seja, o entrevistador fica livre para desenvolver as questões da maneira que ele quiser (MOREIRA; CALEFFE, 2008). Neste caso procuraremos fazer uma roda de conversa onde faremos as entrevistas com os cinco professores que atuaram como coordenadores de área e em outro momento, individualizado com os professores que atuam nas escolas públicas. Desta forma teremos no primeiro momento a construção de uma linha temporal estruturada do contexto histórico da disciplina no município de São Mateus.

A pesquisa de campo será desenvolvida na sequência ora organizada e Os dados serão descritos no momento oportuno.

- **1º momento:** revisão bibliográfica, levantamento e análise dos documentos contidos na Secretária de Educação do município de São Mateus/Es;
- **2º momento:** visita as três escolas de Ensino Fundamental do município para conhecer os professores de Filosofia e apresentar o objetivo da pesquisa;
- **3º momento:** entrevista com os cinco professores que atuaram como coordenadoras de área da disciplina Filosofia na Secretária Municipal de Educação.
- **4º momento:** entrevista com os professores e professoras que lecionam Filosofia em cinco escolas da Rede Municipal de Educação de São Mateus
- **5º momento:** transcrição e análise das entrevistas.

Para as observações e informações, adotaremos a utilização do diário de campo, para registro dos momentos vivenciados, no intuito de preservar cada detalhe da observação, pois “[...] a prática de registrar nos leva a observar, comparar, selecionar, estabelecer relações entre fatos e coisas” (FREIRE,1993, p. 8). O diário de campo se constitui num instrumento essencial para a organização dos registros das observações, diálogos e outros apontamentos nesse percurso.

4 FILOSOFIA: BREVE HISTÓRICO E BASES LEGAIS

“Todos os homens, por natureza, desejam saber”.

Aristóteles

Nestes tempos em que se discute muito sobre o papel do ensino da Filosofia e das Ciências Sociais na escola, fruto de uma reforma do Ensino Médio e da nova Base Nacional Comum Curricular, temos sempre que lembrar que durante o período da Ditadura Militar, que começou em 1964 até meados dos anos de 1980, esta mesma Filosofia já foi banida das escolas e substituída por matérias menos questionadoras e que ajudavam a “amansar” os estudantes.

A Filosofia se apresenta como a disciplina que instiga e chama para o enfrentamento do “status quo”. Vale lembrar que esta situação de negação da Filosofia vem de parte de nossa história de colonização e colonizados, seja ontem no Brasil Colônia ou hoje no colonialismo cultural² a que somos submetidos.

Por isso, entendemos a importância da experiência do pensar nas escolas públicas durante o Ensino Fundamental, pois possibilita à criança participar de forma ativa na sociedade. Desse modo, seguindo a tradição moderna, inaugurada por Rousseau, a educação e a escola estão inseridas em um contexto social. Não podemos pensar sociedade, educação e escola como esferas desconectadas, como se as transformações observadas em uma não interferissem na outra. É preciso salientar ainda que as transformações destes conceitos de sociedade, educação e escola não ocorreram de forma linear, mas dinâmica – desde a infância, o que por si só já justifica a presença da Filosofia na escola desde a infância, ou seja, desde a Educação Infantil.

Para melhor entendermos a Filosofia, o termo *Philosophos* significa “amigo do saber”; para os pitagóricos: o aprendiz que não sabe que só no final do aprendizado será sábio. Para Platão, a Filosofia, na condição de “amor à sabedoria”, tem a condição de todo o amor: não é aquilo que ama: ama o belo e o bom precisamente

² Colonialismo cultural é uma forma de se alterar sutilmente a cultura de um grupo de indivíduos por meio da manipulação dos meios de comunicação, fazendo com que muitas vezes estes sejam desapossados de parte dos seus bens culturais.

porque não é bela nem boa; se já fosse, não precisaria amar. A Filosofia surge quando os sábios de então: poetas, sacerdotes, adivinhos, reis, legisladores, cedem espaço para os que se reconheciam não sábios e assim justificavam que buscassem a sabedoria. A ignorância é o começo da Filosofia, a sabedoria e só o fim, alcançável e alcançado ou não. A esse propósito diz Aristóteles (Metafísica I, 2 982b 19-20): “[...] foi para fugir da ignorância que eles (os homens) filosofaram [...]”

Aristóteles, embora apresente o grego Tales como primeiro filósofo, fala do princípio da Filosofia como um passo de uma história que a rigor é dada a “todos os homens” (A Metafísica de Aristóteles começa precisamente com a frase “todos os homens, por natureza, desejam saber”. O mesmo Aristóteles, ao caracterizar a contemplação, a *theoría* própria do estágio mais alto do saber, o da *epistémē* e, mais ainda, o da *próteepistémē*, da “ciência” e da “ciência primeira”, se refere ao Egito como o lugar em que primeiro uma casta de sacerdotes pôde se dedicar à investigação da verdade livre dos aborrecimentos da vida prática, ao encargo de outros homens (Metafísica, I, 1 981b 20-25):

Daí que, constituídas todas essas artes, foram descobertas ciências das que não são nem relativas ao prazer nem às necessidades, e primeiro nos lugares em que primeiro os homens dispuseram de tempo livre. Por isso as artes matemáticas foram constituídas no Egito, pois lá uma casta de sacerdotes desfrutava de tempo livre.

O Brasil, que tem um passado colonial, tem a produção de sua cultura e pensamento que passa a vigorar importados do país que o colonizou, que neste caso foi Portugal. Temos aqui que lembrar mais uma vez que a cultura indígena originária foi suprimida com muita violência, para que o pensamento do velho mundo fosse implantado pelo colonizador. Nesse sentido, a história da filosofia no Brasil e conseqüentemente o modelo de pensamento filosófico brasileiro se confunde com o movimento histórico do próprio país, ou seja, a produção filosófica é intrínseca ao tempo, e o modo de se fazer filosofia é possibilitado pelas condições históricas. Por isso podemos afirmar que a Filosofia no Brasil chegou com os colonizadores quando fundaram, a *posteriori*, a primeira escola de Filosofia em 1572, confirmado por Serafim Leite, (1948. p 107):

O primeiro curso de Filosofia que se leu no Brasil ocorreu no ano de 1572.

Seguindo então esta lógica de contextualizar o pensamento filosófico brasileiro pelo contexto histórico, podemos dividir e classificar a história da filosofia brasileira em três períodos: o período colonial, o período imperial e o período republicano que vem até os dias atuais. Cada período apresenta elementos que constituem o pensamento filosófico referente a cada momento e que evoluem de acordo com o movimento histórico até a situação atual do que podemos chamar de Filosofia brasileira.

Iniciamos o período colonial onde a Filosofia é implantada pelos jesuítas, e segundo Serafim Leite (1948) foram os jesuítas que iniciaram o processo de construção de um pensamento filosófico e teológico aos moldes ocidentais em solo nacional a partir do século XVI. Esse é um fato importante, pois quando os portugueses chegavam ao Brasil com o interesse imediato de se instalar e obter posse das riquezas naturais e escravizar os nativos, os jesuítas se propõem a ensinar o povo. É claro que estavam com a intenção de expandir o cristianismo e ganhar as almas para Roma, entretanto esse movimento de abrir escolas e de ensinar Filosofia, mesmo sendo criticado por muitos, é considerado um movimento importante para a formação do pensamento filosófico brasileiro.

Os ensinamentos oferecidos pelos jesuítas eram de cunho tomista³ e desenvolviam basicamente preceitos que se referiam à segunda escolástica portuguesa, que se fundamentava, grosso modo, na defesa da ortodoxia católica e seus dogmas que vigoravam mais devido ao Concílio de Trento⁴, ao passo que o método de ensino seguia rigidamente estrito, adotando ao que chamam de *Ratio Studiorum*⁵, que era uma coletânea de textos que guiavam os Jesuítas em seus ensinamentos ortodoxos e estritamente ligados a Tomás de Aquino. e Aristóteles. Tal coletânea regulamentava e pautava de forma estrita as atividades acadêmicas da Companhia de Jesus em Portugal.

³ O tomismo é a filosofia escolástica de São Tomás de Aquino, e que se caracteriza, sobretudo pela tentativa de conciliar o aristotelismo com o cristianismo. Procurando assim integrar o pensamento aristotélico e neoplatônico, aos textos da Bíblia, gerando uma filosofia do Ser, inspirada na fé, com a teologia científica.

⁴ O Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico da Igreja Católica.

⁵ O *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* (Plano e Organização de Estudos da Companhia de Jesus), normalmente abreviada como **Ratio Studiorum**, é uma espécie de coletânea, fundamentada em experiências vivenciadas no Colégio Romano, a que foram adicionadas observações pedagógicas de diversos outros colégios, cujo objetivo era instruir rapidamente todo o jesuíta docente sobre a natureza, a extensão e as obrigações do seu cargo.

Ainda no século XVII a filosofia passa a ser ensinada para nível superior no chamado Colégio do Rio, primeira instituição onde a filosofia é ensinada mais profundamente. Temos como representantes fundamentais dessa fase da Brasil colônia Manoel da Nóbrega, Gomes Carneiro, Nuno Marques Pereira e Souza Nunes, defensores do chamado “Saber de Salvação”, que preparava o povo para uma instância divina em detrimento do corpóreo e material.

A partir do século XIX, o Brasil proclama a sua independência em relação a Portugal e nesse período mudamos de rumo, e o pensamento filosófico brasileiro passa a enfrentar problemas relacionados à questão da liberdade e consciência: até que ponto havia liberdade, havia de fato consciência de liberdade nacional? Tendo em vista essa problemática, no período Imperial surge no Brasil uma corrente filosófica chamada de Eclesiastismo cujos representantes principais foram Eduardo Ferreira França e Gonçalves de Magalhães. Tal corrente tentava responder as questões humanas de consciência e liberdade através de uma aproximação do espiritualismo e do empirismo às problemáticas emergentes desse período. Nesse sentido, Ferreira França buscou apresentar fundamentações filosóficas em relação à liberdade política. Magalhães por sua vez, propõe soluções mais espiritualistas atentando para a oposição corpo e alma, no sentido do corpo ser uma prisão, mas de haver liberdade humana por haver espírito, etc. Essas questões eclesíastas vigoram até o chamado “surto de ideias novas”, que se caracterizou pelo surgimento de novas discussões no meio intelectual que reagiam ao eclesíastismo e dava lugar a outros modelos de entendimento de mundo, como o positivismo que influencia fortemente a cultura brasileira em termos de visão de mundo.

Surge daí um movimento muito importante na história, não só da filosofia brasileira, mas na história do país, a chamada “Escola de Recife”, que trouxe para o pensamento filosófico brasileiro questões sociológicas, culturais, folclóricas, jurídicas etc. Movimento nascido em Recife na Faculdade de Direito de Recife, primeira faculdade do gênero ainda no Brasil Império nos anos de 1860/90, tendo como líder a figura de Tobias Barreto, e sendo representado por nomes como Silvio Romero. Esses pensadores se colocam em oposição ao domínio do pensamento positivista e trazem uma nova inclinação para o pensamento filosófico.

Herdeiros de um kantismo⁶, trabalham a filosofia num plano epistemológico, sendo provavelmente os primeiros a introduzir esse nível de discussão em solos nacionais. Mergulhados numa discussão do tipo transcendental influenciada pelo modelo Kantista, tanto Tobias Barreto quanto Silvio Romero trazem à tona uma nova concepção de cultura, pois estabelecem a cultura num patamar que só diz respeito ao ser humano, transcendendo as condições naturais e animais. Essas concepções dão início a uma compreensão que problematiza a cultura em oposição a teorias ecléticas e positivistas em vigor na época.

A partir do século XX, com a queda do Império e sendo proclamada a república, o Brasil entra em outro período histórico que vigora até hoje, passando a ser uma República, período convencionalmente chamado de Brasil República. Esse novo formato histórico-cultural traz um novo fôlego para os intelectuais da época que buscam teorias que balizem uma sociedade racional e esclarecida para acompanhar esse novo modelo de sociedade. Nesse período surge uma das mais importantes correntes do século XX que surge como crítica ao positivismo é o culturalismo, corrente herdeira da proposta e crítica iniciada pela Escola de Recife e que tem como seu principal representante Farias Brito, além de nomes como Washington Vita, Miguel Reale etc. Esses intelectuais trazem à tona questões de cunho antropológico e social; tal corrente vigora em detrimento do positivismo.

Outra corrente filosófica que surge no Brasil do período republicano é a teologia da libertação, pois mesmo com todas as nuances de ideias discutidas no Brasil, o efeito inicial do trabalho dos jesuítas manteve-se presente. De fato, no século XX há um retorno a Tomás de Aquino, com o chamado neo-tomismo e o desenvolvimento do projeto da teologia da libertação que tem como seu expoente Leonardo Boff, buscando uma união da filosofia com a teologia, produzindo o diálogo teológico com o marxismo, ao passo que propõe um ideal de libertação para os povos que sofrem desigualdades na tentativa de refletir a problemática. Além de elementos marxistas é possível propor elementos existencialistas também no pensamento filosófico do século XX.

⁶ Doutrina do filósofo alemão Immanuel Kant 1724-1804, que almeja estabelecer os limites e a legitimidade das potencialidades cognitivas da razão, e apontar as condições de possibilidade apriorísticas do conhecimento e da legislação moral, inerentes à constituição universal do espírito humano; criticismo

Na atualidade, definimos que estamos no Período Contemporâneo da Filosofia Brasileira, e definimos que este tempo é aquele em que se consuma a superação do positivismo, entendido globalmente como a crença no desaparecimento dos problemas que sustentaram a meditação filosófica através dos tempos, graças ao progresso das ciências. Várias são as correntes filosóficas e muitos são os nomes que brilham no cenário atual. De Manoel da Nobrega até Marilena Chauí, muito caminho se trilhou e podemos dizer que apesar da influência Europeia no início da colonização, já podemos afirmar que há um pensamento filosófico legítimo brasileiro que se espalha pelas universidades e cursos de Filosofia em todo o território nacional. Não bastasse estar nas universidades, ela também contaminou o Ensino médio e iniciou seus passos nas séries iniciais, onde encontra hoje grandes desafios, que é o que impulsiona este pesquisador.

Pensar o ensino de Filosofia nas séries iniciais do Ensino Fundamental como um problema filosófico envolve, na perspectiva dessa pesquisa, uma ampliação da compreensão e uma renovação dos sentidos do que se deseja com a Filosofia escolar, pela própria natureza da atividade docente com a Filosofia, como afirma Cerletti (2004, p. 149):

Nós que nos dedicamos ao ensino da Filosofia temos como habituais acompanhantes na nossa vida profissional duas perguntas simples que parecem ser as orientadoras de nossos passos didáticos mais decididos, mas também de nossas preocupações filosóficas mais reiteradas: Como ensinar? O que ensinar? Ensinar Filosofia supõe pôr em ação uma atividade ou uma prática a partir de certas questões que não estão constituídas como um campo fechado de saberes e, como essa atividade é também seu próprio objeto, abordar os desafios do que e como torna-se uma tarefa complexa; mas, por sua vez, constituem desafios filosóficos sugestivos que evitam, que entremos em uma rotina asfixiante.

No ensino o caminho que prima pelos “[...] princípios estéticos, políticos éticos que inspiram as Leis de Diretrizes e Bases da Educação (1996) e, por consequência, devem inspirar o currículo” (THOMAL, 2004), posto que estes conceitos fundamentam o novo ensino brasileiro. Ela informa no seu bojo um espírito democrático que busca fundamentar um novo ensino.

4.1 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS

O fundamento do ensino de Filosofia se assenta sob os conceitos de estética, política e ética. Ora, apenas o fato de se chamar à discussão para os fundamentos,

seria motivo para que a Filosofia atravessasse esse ciclo educacional como disciplina. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (1996), em seu Parecer CEB 15/1998, irrompem com esta mesma posição numa louvável citação do filósofo francês Gilles Gaston Granger, (2000, P.46):

[...] a Filosofia sempre teve conexões íntimas e duradouras com os resultados das ciências e das artes e, no esforço de pensar seus fundamentos muitas vezes foi além delas, abrindo campos para novos saberes e novas experiências.

O referido parecer CEB 15/1998 determina, além da orientação, considerar como fundamentos do ensino, conceitos que estão intimamente ligados a Filosofia em sua gênese e chama de estética da sensibilidade, política da igualdade e ética da identidade aquilo que nutre a bagagem conceptual da Filosofia, suas categorias de discurso mais originais ao longo dos seus 25 séculos. Falar então da Filosofia como disciplina no currículo do ensino, passa a ser nada mais do que uma condição *sine qua non* tal como o próprio MEC compreende:

[...] a expressão 'disciplina escolar' refere-se a uma seleção de conhecimentos que são ordenados e organizados para serem apresentados ao aluno, recorrendo, como apoio a essa apresentação, um conjunto de procedimentos didáticos e metodológicos e de avaliação. [...] a disciplina escolar é ainda mais ampla, pois inclui programas ou formas de ordenamento, sequenciação, os métodos para o seu ensino e a avaliação da aprendizagem. A disciplina escolar supõe ainda uma teoria da aprendizagem adequada à idade a quem vai ser ensinada [...] (BRASIL, 1998, p. 88).

Esse conceito utilizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's só ratifica a presença da Filosofia como disciplina, uma vez que considera relevantes as questões específicas de determinada área como balizamento, método de investigação e recuso a teoria.

Segundo o Professor Celso Favaretto (1993, p. 97)

[...] a Filosofia deve ser considerada como uma disciplina, ao nível das demais. Como 'disciplina', é um conjunto específico de conhecimentos com características próprias, sobre ensino, formação, valores, etc. E ainda, ela mescla conteúdo cultural a partir de seus materiais, mecanismos e métodos, como qualquer outra. Está vinculada às necessidades de formação e saber inscritos culturalmente e solicitados socialmente.

O MEC reconhece na Filosofia o caráter peculiar da transdisciplinaridade e apresenta os benefícios que ela traz ao aluno e a escola e por isso exorta que esta responsabilidade deve ser dada ao profissional competente:

[...] possuindo uma natureza, a rigor transdisciplinar (metadisciplinar), a Filosofia pode cooperar decisivamente no trabalho de articulação dos diversos sistemas teóricos e conceptuais curriculares [...] é oportuno recomendar expressamente que não se pode de nenhum modo dispensar a presença de um profissional da área. [...] para proporcionar a construção de competência de leitura e análise filosófica dos diversos textos em que o conhecimento de Filosofia é um saber altamente especializado e que, portanto, não pode ser adequadamente tratado por leigos [...] (BRASIL, 1998, p. 342).

Como “transdisciplinar” a Filosofia não significa autodissolução entre as demais uma vez que transdisciplinaridade não é uma condição exclusiva da Filosofia, mas de todo e qualquer conhecimento que queira transpor as barreiras instituídas pelo positivismo que se abateu sobre a produção do conhecimento, sobretudo, na educação.

A transdisciplinaridade, como prefixo ‘trans’ indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo, presente, para qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (NICOLESCU, 1999, p.37).

E ainda:

A Filosofia tem o papel de articuladora, uma vez que a transdisciplinaridade é o que impõe sua condição como disciplina e não na sua nulidade. O filósofo Immanuel Kant, no texto intitulado “O Conflito das Faculdades”, defende que a Faculdade de Filosofia seja a guardiã da reflexão e da crítica no âmbito da universidade. O filósofo Konigsberg pensava a universidade como um sujeito-crítico de suas próprias práticas, que pudesse implementar a partir dessa instância crítica, indagações, sem regras das condições de possibilidades dos discursos e das próprias regras que ali circulavam (RINESI, 2001, p. 90).

Se a Filosofia tem esta responsabilidade na universidade porque não no Ensino Médio e no Ensino Fundamental? Na verdade, os PCN’s ao colocar a Filosofia como articuladora, revela esse caráter, posto que a Filosofia é uma modalidade do conhecimento que põe a questão sobre si mesma, noutros termos, coloca a questão da consciência crítica da própria consciência filosófica. Sua característica transdisciplinar tem aí sua justificativa contumaz. Como saber se em conteúdos especializados serão aplicáveis em seus temas, conteúdos filosóficos? E os professores com outras formações acadêmicas serão adequadamente habilitados para a realização da transdisciplinaridade?

Nesse sentido, quanto à Filosofia no currículo, cabe ainda ressaltar a fala do professor Franklin Leopoldo e Silva (1997 apud RIBAMAR): Existe, portanto, um

lado pelo qual a Filosofia ocupa na estrutura curricular posição análoga a qualquer outra disciplina: há o que aprender, há o que memorizar, há técnicas a serem dominadas, há, sobretudo, uma terminologia específica a ser devidamente assimilada. Não devemos nos iludir com o adágio não se aprende Filosofia, algo que pode levar a um comodismo ou a uma descaracterização da disciplina. O que a Filosofia tem de diferente das outras disciplinas é que o ato de ensiná-la se confunde com a transmissão do estilo reflexão e, o ensino da Filosofia somente logrará algum êxito na medida em que tal estilo for efetivamente transmitido.

No entanto, isto ocorre de forma concomitante à assimilação dos conteúdos específicos, da carga de informação que pode ser transmitida de variadas formas. O estilo reflexivo não pode ser ensinado formal e diretamente, mas pode ser suficientemente ilustrado quando o professor e os alunos refazem o percurso da interrogação filosófica e identificam a maneira peculiar pela qual a Filosofia constrói suas questões e suas respostas.

É desta maneira específica que a Filosofia realiza o trabalho de articulação cultural. Pensar e repensar a cultura não se confunde com compatibilização de métodos e sistematização de resultados: é uma atividade autônoma de índole crítica. Não devemos, portanto, entender que a Filosofia estará no currículo em função das outras disciplinas, quase num papel de assessora metodológica. No entanto, seria grave infidelidade ao espírito filosófico entender que a Filosofia virá se agregar ao currículo apenas para tornar-se mais uma parte e um todo desconexo, ou pelo menos como profundos problemas de integração e conexão. Nesse sentido, não representa pretensão dizer que a Filosofia não é apenas mais uma disciplina? Ao dizê-lo, estaremos apenas reafirmando a natureza do estudo filosófico.

A Filosofia tem uma função de articulação do indivíduo enquanto personagem social, se entendermos que o autêntico processo de socialização requer a consciência e o reconhecimento da identidade social e uma compreensão crítica da relação homem-mundo. (ALVES, 2003, p. 2).

A Filosofia nos currículos não pode atuar num espaço restrito, dissolvendo-a em modalidades temáticas de outras disciplinas como se propôs na LDB. A Filosofia tem no atual contexto político do fortalecimento das instituições democráticas do país um dos papéis mais relevantes neste projeto, que seja: o de contribuir para uma

formação e fundamentação da opinião pública brasileira, não deixando somente a cargo da imprensa, que muitas vezes se vê à deriva com o cerco da grande mídia. A Filosofia poderá ser um contraponto na formação da opinião pública em relação ao cerco do fenômeno midiático, que ao modo do rei Midas, transforma em ouro, ou melhor, mercado, tudo o que toca. Assim contribuirá para uma opinião pública responsável e crítica, convidando para o debate reflexivo, introduzindo valores que se assentam sobre aquela tradição grega que falávamos no início e que em suma é de vocação política. Para nós é o que pode ajudar a construir instituições democráticas e consolidar a democracia.

Em São Mateus a Filosofia iniciou seus primeiros passos na rede municipal de ensino no ano de 1993⁷ como diz a Professora Dena(2018) em exercício na escola de Ensino Fundamental Egidio Bordoni durante entrevista com o pesquisador Adilson Vieira.

O programa de Filosofia para crianças chegou ao município de São Mateus em meados dos anos 90, por iniciativa do Centro Educacional “São Gotardo”, comumente conhecido como “Colégio Conhecer”, uma instituição da rede privada de ensino que, em busca de inovação e de uma educação mais voltada ao trabalho das questões humanas, viu nesse programa uma ferramenta pedagógica, inserindo-o em seu currículo no ano de 1994. Em virtude disso, a escola trouxe o treinamento oferecido pelo Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC), proporcionando que toda a sua equipe de profissionais participasse dessa formação.

Já o Professor Almir (2018) em exercício na escola municipal Bonsucesso durante entrevista com o pesquisador Adilson Vieira, nos diz que no Ensino Fundamental a Filosofia iniciou-se no ano de 2004, e que ele foi o pioneiro no Ensino Fundamental depois que perceberam os avanços no ensino infantil:

Comecei a dar aula de Filosofia na escola Bom sucesso no ano de 2004 e na época a secretária me propôs que eu comesse a dar aulas de Filosofia para adolescentes no Ensino Fundamental. Comecei contando história contos e o objetivo era ensinar o básico de Filosofia como objetivo que as Crianças aprendessem a questionar e se sentir estimuladas a participar de discussões debates, saberem fazer perguntas, ou seja, criar interesse em nossas crianças para que elas criassem o hábito de questionar e estudar.

² Não há nenhum documento oficial escrito que narre a trajetória da Filosofia com Crianças na Rede Pública de Ensino de São Mateus, até onde pesquisamos Secretaria Municipal de Educação e Conselho Municipal de Educação. A presente narração histórica foi produzida com base em dois movimentos distintos, mas conectados entre si. Primeiro: nas informações produzidas num encontro com os 4 coordenadores da Área de Filosofia da Rede Municipal de São Mateus feito em junho de 2018 e em entrevistas com Professores de Filosofia, antigos e novos da Rede Municipal de São Mateus. Todos ainda atuando em salas de aula.

Parece que, para abordar a passagem em que consiste o nascimento da Filosofia na Rede Municipal de Educação de São Mateus teremos que fazer as seguintes comparações, que são a passagem do mito para a razão, pensando a Educação Infantil como mito e o fundamental como a razão. Nesse caso, pode-se admitir que assim como os gregos foram os responsáveis pela passagem da primeira para a segunda, os mesmos professores que criaram a ideia de lecionar Filosofia no ensino infantil foram também responsáveis por ela se instalar no Ensino Fundamental, baseado nos resultados do primeiro, mas precisando de avanços. Entretanto, encontramos um problema nessa evolução, ou melhor seja dizer que, de um modo geral, os diferentes povos têm, nos primórdios de suas histórias, textos sagrados, religiosos, míticos, inclusive os gregos, e só posteriormente é que desenvolvem um discurso, prosaico, sobre a realidade. Em São Mateus tem-se um discurso sobre a história e sobre fatos, mas não há textos ou documentos que atestem e comprovem os meandros e as intenções dessa passagem.

Como afirma a Professora Dena (2018):

Nós estamos com as crianças do Ensino Fundamental com muitos problemas de indisciplina, isso em 1998. Aí comecei, fiz o projeto e organizei um currículo para trabalhar com as crianças do Ensino Fundamental. Eu utilizava o livro Issao e Guga de Matthew Lipman e Pimpa, de Marcos Rey(1984).Mas a intenção não era somente a questão da indisciplina das crianças do Ensino Fundamental e sim que todos os profissionais tivessem uma postura mais filosófica e menos impositiva. Um professor mais observador e que ajudasse as crianças a serem mais autônomas. Esse trabalho começou em 1998 na Associação Nova Esperança e em seguida incorporou-se ao interesse da Professora Adriana e o projeto começou a tomar corpo, não era o projeto de uma pessoa sozinha.

A atual Coordenadora da área de Filosofia do município de São Mateus (Ana Paula 2018), afirma que:

[...] o que nós queríamos na época era que o professor mudasse a sua prática, que utilizasse a Filosofia para diferenciar toda sua prática na sala de aula, que mudasse suas atitudes e tivesse uma postura mais reflexiva e que ele tivesse essa atitude também com as crianças.

E ainda:

Avançamos com o filósofo efetivo porque temos esperança de que o movimento não passara tão cedo. A educação ganhou porque desestruturou muitas práticas e desde 1998 vem se mexendo nas estruturas do Ensino Fundamental. Mas temos que reconhecer que ao contrário do que aconteceu no ensino infantil, no fundamental não houve a adesão que

queríamos e haviam escolas que começavam um ano e no outro ano não queria mais. Havia quebras no início, o que foi normatizando à medida que se construíam as formações.

Decorridos 25 anos os desafios continuam, a disciplina permanece marginalizada e segundo alguns professores entrevistados, a falta de um currículo unificado ainda é um grande desafio para coordenadores e professores, bem como a falta de entendimento entre os pedagogos da Rede Municipal de Educação e o que se pretende com a disciplina. Mas também houve avanços e novas construções nesse período segundo os professores Belarmino, Ana Paula e Adriana. (Entrevista, 2018).

Questionando professores, coordenadores e pedagogos da rede Pública Municipal de São Mateus, sobre a importância das aulas de Filosofia para o Ensino Fundamental, não encontramos um sequer que não visse o valor e a importância da Filosofia para os alunos. Aliás, ouvimos muitos questionarem: Por que a Filosofia não está sendo empregada nas quatro séries do Ensino Fundamental⁸?

Nas interações com a atual Coordenadora Ana Paula (2018) deu a perceber que o que se pretende da Filosofia na Rede Municipal de São Mateus. O que se pretende está na base do curso de formação que a Secretaria ofertou para os professores de Filosofia, durante os anos de 2017 e 2018 em parceria com a UFES – Universidade Federal do Espírito Santo, busca uma educação escolar que seja reflexiva, propondo um trabalho num programa filosófico-pedagógico, oportunizando um espaço de vivência reflexiva não só entre alunos, mas em toda comunidade escolar. Na intenção de que toda a escola reflita e que essa reflexão seja uma atitude consciente, comprometida e intencional para repensar o que já foi pensado, de problematizar o pensamento estabelecido, colocando à dúvida, à crítica, à análise cuidadosa, buscando seu significado mais profundo.

4.2 ENSINO FUNDAMENTAL EM SÃO MATEUS/ES

Desde o ano de 2004, a rede Municipal de Educação de São Mateus é um sistema que foi instituído pela Lei 327 de julho de 2004 e abrange:

⁸O Fundamental II é o período que compreende do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

- Escolas oficiais de Ensino Fundamental mantidas pelo poder público municipal nas modalidades regular, educação de jovens e adultos e educação especial.
- Centros de Educação Infantil mantidas pelo poder público municipal.
- Instituições de Educação Infantil criadas e mantidas pela iniciativa privada.
- Órgãos Municipais de Educação, que são a Secretaria Municipal de Educação e o Conselho Municipal de Educação.
- As escolas oficiais de Ensino Fundamental e da Educação Infantil são aquelas criadas, mantidas e administrados pelo poder público do município de São Mateus e possuem a seguinte denominação:
- CEIM: Centro de Educação Infantil municipal. São destinados ao atendimento de crianças de 0 a 6 anos de idade.
- EMEF: Escolas municipais de Ensino Fundamental. Destinadas ao atendimento do Ensino Fundamental nas séries iniciais e finais, ou seja, o Ensino Fundamental completo.
- EMEIEF: Escolas Municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Estas são destinadas ao atendimento a crianças de 4 a 6 anos de idade, bem como ao atendimento do Ensino Fundamental.
- EUM: Escola Unidocente municipal, destinada ao atendimento no meio rural com Ensino Fundamental em séries iniciais, ministrado por um único professor, e constituída por uma única turma.
- EPM: Escolas Pluridocentes municipais, destinadas ao atendimento no meio rural, com Ensino Fundamental em séries iniciais e constituídas por mais de uma classe e mais de um professor.

Como vemos é uma rede com diversas categorias de unidades escolares, ressaltando ainda as escolas do campo que possuem na sua estrutura as “escolas quilombolas”, que se destinam ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica. Essas escolas estão implantadas em áreas localizadas nas comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como “quilombolas rurais e urbanos”, e que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas.

Quadro 1: Docentes e formação

	Função que exerce			Situação Funcional			Escolaridade		Pós graduação		Mestrado
	Docente	Interprete	Auxiliar	EF	CC	DT	superior	médio	espec.	nenhum	
CEIM'S	424	0	4	337	0	91	417	11	360	68	3
EMEF'S/EMEIEF/ECORM/EM EFTI	814	6	34	565	4	285	836	18	690	164	20
MULTISSERIADAS	180	0	0	55	0	125	151	29	94	86	3
TOTAL	1418	6	38	957	4	501	1404	58	1144	318	26

Fonte: Rede Municipal de Educação – Censo 2017

O Quadro 1 nos mostra uma rede complexa, com professores efetivos, profissionais em Designação Temporária e alguns em Cargos de Confiança. Segundo o Censo Escolar de 2017, ela é formada por 1418 docentes e destes apenas 14 não possuem graduação de nível superior. Isto demonstra que menos de 1% dos docentes não possuem graduação superior, média muito abaixo da média nacional que é de 22%.

Estes números melhoram quando vemos que destes 1418 docentes com nível superior, temos 1144 com Especialização e 26 com Mestrado. Mais de 95 % possuem Titulação de Especialista. Podemos afirmar que é um número significativo para uma Rede de Educação Básica.

Quadro 2: docentes e formação por unidade de ensino

Profissionais do Ensino Fundamental 2018																							
	EF	DT	Ensino Médio	Escolaridade	Pós - Graduação	Mestrado	AEE	Auxiliar	Intérprete	NC	Arte	Ed. Física	Filosofia	Música	Outras disciplinas	Agricultura	Língua portuguesa	Inglês	Matemática	História	Geografia	Ciências	TOTAL
ECORM Córrego Seco	7	2	0	9	5	0	1	0	0	1	1	1	0	0	1	0	1	1	1	1	1	1	9
ECORM M ^a F. N. Coutinho	4	23	0	27	19	1	1	0	0	7	3	2	0	0	0	2	1	1	3	2	2	3	27
EMEF Anedina A. Santos	13	4	1	16	14	2	1	1	0	5	1	1	0	0	0	1	1	1	1	1	1	2	17
EMEF Aviação	21	11	0	32	25	2	0	0	1	7	3	4	1	0	0	0	3	3	3	2	2	3	32
EMEFTI Ayrton Senna	14	11	1	24	21	0	1	2	0	8	3	1	2	1	7								25
EMEF Bom Sucesso	41	18	1	58	50	1	2	5	0	14	3	5	0	1	0	0	5	5	5	5	4	5	59
EMEF Córrego do Milanez	17	9	1	25	25	0	1	0	0	5	1	2	0	0	0	1	4	1	4	3	1	3	26
EMEF Cricaré - Almir Queiroz	9	5	0	14	12	0	0	0	0	8	1	1	2	2									14
EMEF Dora A. Silveiras	57	21	2	76	69	0	3	5	0	23	4	5	0	2	0	0	9	5	6	5	5	6	78
EMEF Dr Arnóbio A. de Holanda	37	18	0	55	50	3	1	8	0	11	2	3	1	0	0	0	6	4	6	5	4	4	55
EMEF Golphinho	24	7	1	30	27	0	1	3	1	19	2	2	1	0	0			2					31
EMEF Guriri	23	1	0	24	21	1	1	0	0	0	2	1	0	0	0	0	4	2	4	4	2	4	24
EMEF Km 35	20	10	0	30	27	0	0	0	0	11	2	2	0	0	0	1	2	2	3	2	2	3	30
EMEF Lilazina G de Souza	14	8	2	20	15	0	1	3	0	10	2	3	2	1	0								22
EMEF M ^a A. S. S. Filadelfo	14	19	2	31	27	0	0	2	0	4	3	4	1	1	0	0	4	2	3	3	3	3	33
EMEF Maria da Cunha Fundação	11	7	0	18	14	1	0	0	0	10	2	3	0	2	0			1					18
EMEF Marizete V. do Nascimento	12	13	0	25	22	0	0	0	0	8	2	2	1	1	0	0	2	1	2	2	2	2	25
EMEF Mercedes de Aguiar	12	5	1	16	15	1	1	1	0	4	2	1	0	0	0	1	1	1	2	1	1	1	17
EMEF Ouro Negro	21	6	0	27	26	2	1	0	0	17	2	3	2	2	0								27
EMEF Paulo Antonio de Souza	8	11	0	19	9	1	1	0	0	5	2	1	0	0	0	1	2	1	2	1	1	2	19
EMEF Prof João P. Bandeira	51	25	4	72	58	1	2	7	0	15	3	5	1	0	0	0	9	4	8	8	6	8	76
EMEF Prof ^a Herinéa L. de Oliveira	40	7	0	47	39	1	1	0	0	16	3	2	3	0	0	0	4	2	4	3	4	5	47
EMEF Roseli Pires Clemente	13	10	0	23	16	1	0	0	0	1	2	1	0	0	0	0	4	3	4	3	3	2	23
EMEF Santa Terezinha	8	10	1	17	14	0	0	1	0	5	2	2	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	18
EMEF São Pio X	14	4	0	18	15	0	0	1	0	8	1	1	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	18
EMEF Valério Coser	13	6	0	19	15	0	1	1	0	12	1	1	2	0	0			1					19
EMEF Vereador L. Samaritano	11	20	0	31	28	0	0	1	1	9	2	3	1	0	0	0	3	1	3	3	2	2	31
EMEF Vila Verde	9	6	0	15	12	0	1	0	0	8	2	1	2	1	0								15
EMEIEF Zumbi dos Palmares	5	10	1	14	11	0	0	0	0	5	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	15
TOTAL	543	307	18	832	701	18	22	41	3	256	60	64	23	15	9	9	68	46	67	57	48	62	850

Fonte: Censo Escolar 2018

Sob nosso ponto de vista, o Quadro 2 tem aspecto positivo quanto à progressiva regressão no número de professores/as que possuem apenas o nível médio e o aumento significativo dentre os que possuem ensino superior.

Os números referidos se justificam acima da média nacional devido ao Plano de Cargos Carreira e Salários do Magistério de São Mateus, que incorpora aumento salarial numa Progressão Vertical, ou seja, aumento de salário a cada titulação,

conforme afirma a pesquisadora Zenilza Barros Pauli em sua Dissertação de Mestrado:

A progressão funcional baseada na titulação passou a compor o PCCR em 2005, por meio da Lei Complementar n.º 014/2005. Essa possibilidade de movimentação na carreira, definida como progressão vertical, tornou-se um importante fator de valorização e incentivo à busca de qualificação e aperfeiçoamento em cursos de pós graduação stricto sensu, ao garantir o adicional de 70% no salário para quem concluisse o mestrado e de 100% para quem concluisse o doutorado, além de 22% para os que completassem cursos em nível de pós-graduação lato sensu. Esse incentivo também ocorre no caso da progressão horizontal, quando permite ao docente pleitear a cada três anos o adicional de 4%, desde que atenda aos pré- requisitos de formação continuada e avaliação previstos na lei (PAULI 2017.p, 71).

A Lei 074/2013 garante que a cada progressão na sua formação intelectual e acadêmica, dentro da área de educação ou da sua formação, o profissional recebe um incentivo, o que leva os profissionais do magistério estudar para progredir na carreira, além de aumentarem a sua bagagem intelectual,

4.3 PROFESSORES DE FILOSOFIA

Do total de 1418 professores da Rede Municipal de São Mateus, apenas 35 são professores de Filosofia, ou seja, 2,46%, o que consideramos insignificante para a rede escolar de São Mateus. Destes, apenas 12 dão aulas no Ensino Fundamental e 29 estão em Centros Municipais de Educação Infantil. Lembrando que alguns acumulam duas escolas e por isso o número aumenta para 41, mas na realidade são extensões de carga horária.

Para o município cujo discurso é de importância da Filosofia, os números mostram o contrário, principalmente no Ensino Fundamental, onde se tem apenas 15 escolas de um total de 72, ou seja apenas 20,8% das escolas possuem a referida disciplina nos seus currículos, como nos mostra o Quadro 3.

Quadro 3 – Escolas e profissionais de Filosofia – Rede Municipal de São Mateus

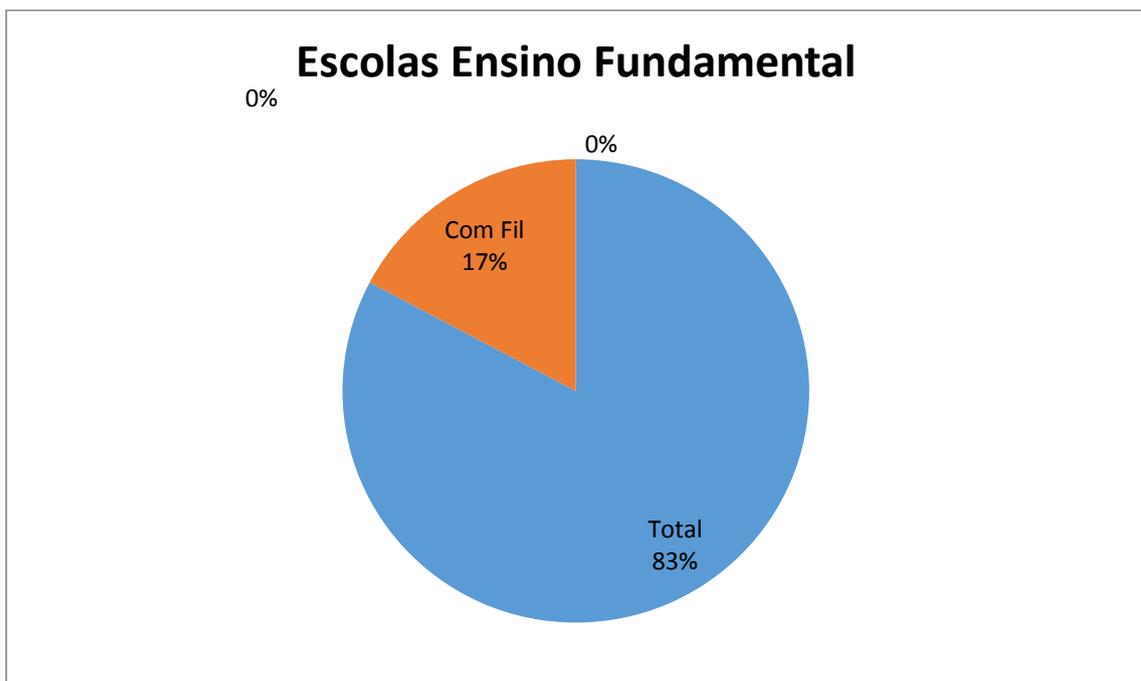
	Ensino Fundamental	Fundamental com Filosofia	CEIMs	CEIMs com Filosofia
Nº Escolas	72	15	37	32
Nº Professor	994	12	424	29
Nº Professor Filosofia Efetivos		5		11

Fonte: Secretaria Municipal de São Mateus (2018)

Sobre o Quadro 3 percebemos no gráfico abaixo, que há uma significativa distância entre a intenção de implementar a matéria no Ensino Fundamental, mesmo depois de 20 anos em que a Filosofia foi implantada no município as escolas de Ensino Fundamental ainda não aderiram à proposta. Podemos dizer que são exceções as que aceitaram essa inserção no seu currículo. Essas exceções são as ações, que por mais grandiosas que sejam, demonstram que ainda há um longo caminho a percorrer.

O Gráfico 1 não detalha a causa da maioria das escolas de Ensino Fundamental não aderirem à proposta de Filosofia para crianças como propõe a Secretária Municipal de Educação, tanto que promoveu concurso público para professor da disciplina em foco e chamou 28 dos aprovados para assumirem. Desses, 12 pediram exoneração, o que nos inquieta ainda mais sobre o porquê da baixa adesão a proposta de Filosofia para o Ensino Fundamental.

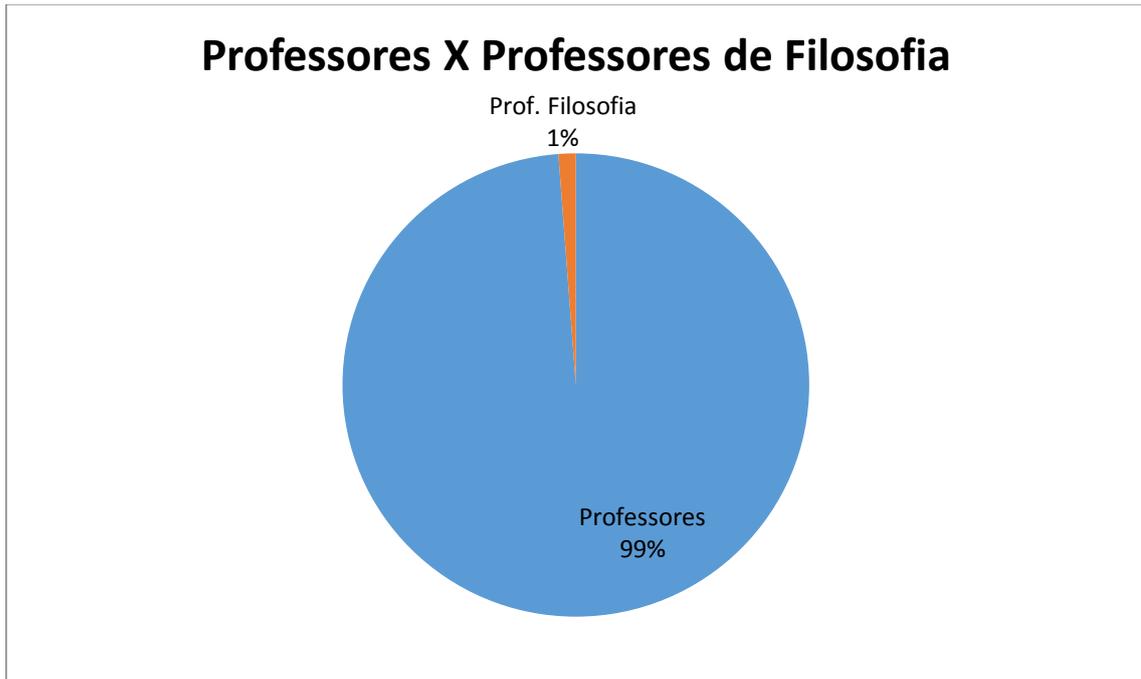
Gráfico 1 – Escolas de Ensino Fundamental



Fonte: do pesquisador.

Quando observamos o Gráfico 2 em relação ao número de professores, ficamos ainda mais inquietos.

Gráfico 2 – Percentual de Professores de Filosofia e em outras áreas



Fonte: do pesquisador.

Podemos imaginar que a maioria dos gestores das escolas de Ensino Fundamental do município pense a educação subordinada à produção, onde é preciso dar prioridade a formação de técnicos e cientistas. Para alguns, ter alunos que saem de suas escolas e ingressam nos Institutos Federais de Ensino, principalmente o do Espírito Santo – IFES, passou a ser motivo de *status* e prestígio. Mas o que significa isso? O homem será visto como uma máquina produtiva submetida à exploração? A intenção pode ser boa, mas os alunos são ceifados da sua imaginação. Ainda para ressaltar uma crítica ao modelo de escola que temos e da importância de se investir na criatividade e na capacidade do pensar (aprender a aprender) citamos Celso dos Santos Vasconcelos no seu livro *Teoria e Prática em Educação*.

A escola apresenta uma visão holística, capacidade de trabalhar em grupo. Criatividade de aprender a aprender, posto pelo conhecimento, capacidade de resolver problemas e tomar decisões etc., no entanto, outras características como senso de justiça, solidariedade, senso crítico, direito à preguiça, participação política, compromissos com a transformação da realidade não são desejados (a não ser no âmbito da empresa). Esquece-se por ingenuidade ou maquiavelismo, a questão essencial da recriação das relações, estamos diante de um modelo fracassado já que nunca a distância entre as nações e as pessoas esteve tão grande como nos nossos dias, a ponto de as próprias organizações dos países mais ricos estarem sobre a necessidade de se cuidar um pouco do social sob pena de se chegar ao caos de fato. (VASCONCELOS, 1998, p. 75).

Esta é a vertente pela qual podemos afirmar que se pauta a Filosofia. Platão na República, 480 a.C estabelece o papel de quem deve dirigir a sociedade. Deve ser um sábio, ou melhor, um filósofo. Porque segundo ele, o filósofo teria maior visão e conhecimento da verdade. Levaria com mais segurança o povo para as leis mais justas. A Filosofia opõe-se à tradição, preconceito, mito e em geral às crenças infundadas que os gregos chamavam de opinião. É na diferença entre opinião e ciência que se ressalta o papel da Filosofia e do seu conceito. É a investigação. A investigação é que define o *status* de Filosofia. Heráclito em Fragmentos (1996, p. 91), afirma: “É necessário que os homens filósofos sejam bons investigadores de muitas coisas”.

Todos estes elementos em confluência é que formam o conceito da Filosofia. Apegar-se a um ou a alguns destes elementos é empobrecê-lo. Podemos ainda afirmar que mascaramos o seu conceito. Sendo a Filosofia a ciência do questionamento, da investigação não poderia ficar alheia no processo de formação da educação. Portanto o gestor escolar que não implanta a Filosofia como matéria na sua escola poderá estar condenando os seus alunos a se tornarem robôs, ou poderão estar formando um exército de zumbis que não percebem as belezas e os desafios de seu tempo e passam a vida a perseguir algo que não lhes trará satisfação pessoal, contrariando os princípios previstos nas diretrizes curriculares emanadas pela legislação.

4.4 DIRETRIZES DE BASE DO ENSINO DA FILOSOFIA

No ensino o caminho que prima pelos “[...] princípios estéticos, políticos éticos que inspiram as Leis de Diretrizes e Bases da Educação e, por consequência, devem inspirar o currículo” (THOMAL, 2004, p. 07), posto que estes conceitos fundamentam o novo ensino brasileiro. Ela informa no seu bojo um espírito democrático que busca fundamentar um novo ensino.

O Ministério da Educação e Cultura – MEC na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, destaca substancialmente a importância e necessidade da Filosofia. O fundamento do ensino se assenta sob os conceitos de estética, política e ética. Ora, apenas o fato de se chamar à discussão para os fundamentos, seria motivo para

que a Filosofia atravessasse esse ciclo educacional como disciplina. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, em seu Parecer CEB 15/1998, irrompem com esta mesma posição numa louvável citação do filósofo francês Gilles Gaston Granger, (2000, p.46):

[...] a Filosofia sempre teve conexões íntimas e duradouras com os resultados das ciências e das artes e, no esforço de pensar seus fundamentos muitas vezes foi além delas, abrindo campos para novos saberes e novas experiências.

O referido parecer CEB 15/1998 determina, além da orientação, considerar como fundamentos do ensino, conceitos que estão intimamente ligados a Filosofia em sua gênese e chama de estética da sensibilidade, política da igualdade e ética da identidade aquilo que nutre a bagagem conceptual da Filosofia, suas categorias de discurso mais originais ao longo dos seus 25 séculos. Falar então da Filosofia como disciplina no currículo do ensino, passa a ser nada mais do que uma condição sinequanon tal como o próprio MEC compreende:

[...] a expressão 'disciplina escolar' refere-se a uma seleção de conhecimentos que são ordenados e organizados para serem apresentados ao aluno, recorrendo, como apoio a essa apresentação, um conjunto de procedimentos didáticos e metodológicos e de avaliação. [...] a disciplina escolar é ainda mais ampla, pois inclui programas ou formas de ordenamento, seqüenciação, os métodos para o seu ensino e a avaliação da aprendizagem. A disciplina escolar supõe ainda uma teoria da aprendizagem adequada à idade a quem vai ser ensinada [...] (BRASIL, 1998, p. 88).

Esse conceito utilizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) só ratifica a presença da Filosofia como disciplina, uma vez que considera relevantes as questões específicas de determinada área como balizamento, método de investigação e recuso a teoria.

Segundo o Professor Celso Favaretto (1993, p. 97)

[...] a Filosofia deve ser considerada como uma disciplina, ao nível das demais. Como 'disciplina', é um conjunto específico de conhecimentos com características próprias, sobre ensino, formação, valores, etc. E ainda, ela mescla conteúdo cultural a partir de seus materiais, mecanismos e métodos, como qualquer outra. Está vinculada às necessidades de formação e saber inscritos culturalmente e solicitados socialmente.

O MEC reconhece na Filosofia o caráter peculiar da transdisciplinaridade e apresenta os benefícios que ela traz ao aluno e a escola e por isso exorta que esta responsabilidade deve ser dada ao profissional competente.

[...] possuindo uma natureza, a rigor transdisciplinar (metadisciplinar), a Filosofia pode cooperar decisivamente no trabalho de articulação dos diversos sistemas teóricos e conceptuais curriculares [...] é oportuno recomendar expressamente que não se pode de nenhum modo dispensar a presença de um profissional da área. [...] para proporcionar a construção de competência de leitura e análise filosófica dos diversos textos em que o conhecimento de Filosofia é um saber altamente especializado e que, portanto, não pode ser adequadamente tratado por leigos [...] (BRASIL, 1998, p. 342).

Como “transdisciplinar” a Filosofia não significa autodissolução entre as demais uma vez que transdisciplinaridade não é uma condição exclusiva da Filosofia, mas de todo e qualquer conhecimento que queira transpor as barreiras instituídas pelo positivismo que se abateu sobre a produção do conhecimento, sobretudo, na educação.

A transdisciplinaridade, como prefixo ‘trans’ indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo, presente, para qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (NICOLESCU, 1999, p.37).

E ainda:

A Filosofia tem o papel de articuladora, uma vez que a transdisciplinaridade é o que impõe sua condição como disciplina e não na sua nulidade. O filósofo Immanuel Kant, no texto intitulado “O Conflito das Faculdades”, defende que a Faculdade de Filosofia seja a guardiã da reflexão e da crítica no âmbito da universidade. O filósofo Konigsberg pensava a universidade como um sujeito-crítico de suas próprias práticas, que pudesse implementar a partir dessa instância crítica, indagações, sem regras das condições de possibilidades dos discursos e das próprias regras que ali circulavam (RINESI, 2001, p. 90).

Se a Filosofia tem esta responsabilidade nas universidades porque não no Ensino Médio e no Ensino Fundamental? Na verdade, a fala dos PCN’s ao colocar a Filosofia como articuladora, revela esse caráter, posto que a Filosofia é uma modalidade do conhecimento que põe a questão sobre si mesma, noutros termos, coloca a questão da consciência crítica da própria consciência filosófica. Sua característica transdisciplinar tem aí sua justificativa contumaz. Como saber, ou conhecimento altamente especializado será impossível a devida aplicação de temas ou conteúdos filosóficos em outras disciplinas por docentes que não sejam adequadamente habilitados para a realização dessa atividade.

Nesse sentido, quanto à Filosofia no currículo, cabe ainda ressaltar a fala do professor Franklin Leopoldo e Silva (1997 apud RIBAMAR): Existe, portanto, um

lado pelo qual a Filosofia ocupa na estrutura curricular posição análoga a qualquer outra disciplina: há o que aprender, há o que memorizar, há técnicas a serem dominadas, há, sobretudo, uma terminologia específica a ser devidamente assimilada.

Não devemos nos iludir com o adágio não se aprende Filosofia, algo que pode levar a um comodismo ou a uma descaracterização da disciplina. O que a Filosofia tem de diferente das outras disciplinas é que o ato de ensiná-la se confunde com a transmissão do estilo reflexivo e, o ensino da Filosofia somente logrará algum êxito na medida em que tal estilo for efetivamente transmitido.

No entanto, isto ocorre de forma concomitante à assimilação dos conteúdos específicos, da carga de informação que pode ser transmitida de variadas formas. O estilo reflexivo não pode ser ensinado formal e diretamente, mas pode ser suficientemente ilustrado quando o professor e os alunos refazem o percurso da interrogação filosófica e identificam a maneira peculiar pela qual a Filosofia constrói suas questões e suas respostas.

É desta maneira específica que a Filosofia realiza o trabalho de articulação cultural. Pensar e repensar a cultura não se confunde com compatibilização de métodos e sistematização de resultados: é uma atividade autônoma de índole crítica. Não devemos, portanto, entender que a Filosofia estará no currículo em função das outras disciplinas, quase num papel de assessora metodológica. No entanto, seria grave infidelidade ao espírito filosófico entender que a Filosofia virá se agregar ao currículo apenas para tornar-se mais uma parte e um todo desconexo, ou pelo menos como profundos problemas de integração e conexão. Nesse sentido, não representa pretensão dizer que a Filosofia não é apenas mais uma disciplina? Ao dizê-lo, estaremos apenas reafirmando a natureza do estudo filosófico.

A Filosofia tem uma função de articulação do indivíduo enquanto personagem social, se entendermos que o autêntico processo de socialização requer a consciência e o reconhecimento da identidade social e uma compreensão crítica da relação homem-mundo. (ALVES, 2003, p. 2).

A Filosofia nos currículos não pode atuar num espaço restrito, dissolvendo-a em modalidades temáticas de outras disciplinas como se propôs na LDB. A Filosofia tem

no atual contexto político do fortalecimento das instituições democráticas do país um dos papéis mais relevantes neste projeto, que seja: o de contribuir para uma formação e fundamentação da opinião pública brasileira, não deixando somente a cargo da imprensa, que muitas vezes se vê à deriva com o cerco da grande mídia.

A Filosofia poderá ser um contraponto na formação da opinião pública em relação ao cerco do fenômeno midiático, que ao modo do rei Midas, transforma em ouro, ou melhor, mercado, tudo o que toca. Assim contribuirá para uma opinião pública responsável e crítica, convidando para o debate reflexivo, introduzindo valores que se assentam sobre aquela tradição grega que falávamos no início e que em suma é de vocação política. Para nós é o que pode ajudar a construir instituições democráticas e consolidar a democracia verdadeira num país como o Brasil.

Considerando esse breve histórico sobre o lugar da Filosofia no universo educacional brasileiro, é necessário também reconhecer a presença da Filosofia nas escolas de Ensino Fundamental. Ainda que essa disciplina não se apresente legitimada pelos currículos oficiais, e mesmo entendendo que esta presença organiza-se em um diálogo tenso, complexo e muitas vezes contraditório com as outras disciplinas na prática pedagógica cotidiana da escola, faz-se necessário concordar com Dominique Julia (2002, p.47) quando afirma que:

[...] (devemos evitar) pensar que uma disciplina não é ensinada porque ela não aparece nos programas escolares, ou porque não existem matérias oficialmente com seu nome. Pois o reconhecimento dessa presença, ainda que clandestina, é pressuposto fundamental para a compreensão de suas práticas e finalidades.

No município de São Mateus, que apesar de tê-la incluído no currículo escolar em 1993, a Filosofia não encontra guarida em nenhum documento oficial. Não há nenhum decreto ou lei, ou mesmo uma resolução do Conselho Municipal de Educação que a legalize, tornando muitas das experiências vividas e aqui relatadas por professores e coordenadores como apenas “experiências”, apesar de o município de São Mateus ter realizado concurso público para professores a fim de atuarem no ensino da Filosofia. Isto mostra que ainda que a Filosofia não tenha sua presença legitimada no currículo oficial, os saberes dessa disciplina apresentam-se cotidianamente nas escolas que adotaram a matéria na sua grade escolar. Esta constatação sinaliza para a importância da ampliação da discussão sobre a Filosofia

no Ensino Fundamental, e a necessidade de compreender os elementos que colaboram para a constituição de um código disciplinar da Filosofia na Rede Municipal de Educação de São Mateus.

4.5 MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS/ES

São Mateus é o segundo município mais antigo e sétimo mais populoso do estado do Espírito Santo, Brasil. Foi fundado em 21 de setembro de 1544, recebendo autonomia municipal em 1764. Originalmente, chamava-se *Povoado do Cricaré*, sendo rebatizado no ano de 1566 pelo padre José de Anchieta com o nome de São Mateus. Sua população atual gira em torno dos 125 mil habitantes (IBGE, 2017), sendo considerado um marco na colonização do solo do Espírito Santo.

Figura 1 – Localização de São Mateus/ES



Fonte: https://www.familysearch.org/wiki/pt/São_Mateus,_Espírito_Santo. Acesso em 24 de julho de 2018.

É considerado o município com a maior população afrodescendente do estado. Tal fato se dá, pois, até a segunda metade do século XIX, o Porto de São Mateus era uma das principais portas de entrada de africanos escravizados no Brasil. Também há a presença de descendentes de imigrantes italianos, que foram responsáveis pela colonização de parte dos sertões mateenses.

Não há data precisa da chegada dos primeiros colonos, nem a indicação dos seus nomes, mas, pela tradição oral, os primeiros colonizadores portugueses chegaram a São Mateus por volta de 1544. Há notícias de que, sobressaltados com as frequentes investidas dos índios, os colonos de Vasco Fernandes Coutinho dividiram-se em grupos abandonando a capitania, fugindo para as capitanias mais próximas, ou dirigindo-se ao interior. Alguns desses colonos poderiam ter rumado para o norte, em direção ao rio São Mateus(Nardoto, 1999).

E ainda: A falta de informação sobre os primeiros anos da colonização faz com que muitos historiadores levantem hipóteses, nem sempre prováveis. Uma delas é que o povoamento de São Mateus poderia ter se iniciado com a chegada de náufragos. Na história do padre José de Anchieta lê-se que, ao passar pelo rio São Mateus, em 1596, celebrou missa para alguns náufragos. Carece, no entanto, de documentação para tornar-se fato histórico. No entanto, o mais provável é que os primeiros colonos devam ter vindo da vizinha Capitania de Porto Seguro, cujo donatário era Pero do Campo Tourinho. Pode-se afirmar, no entanto, que a documentação histórica que registra a presença mais remota de portugueses na região é a que trata da Batalha do Cricaré, ocorrida em fins de janeiro de 1558. Outra é a narração epistolar de uma viagem e missão jesuítica do padre Fernão Cardin que veio à Vila de Sam Matheus, em setembro de 1583 (Nardoto, 1999).

Antes do início da colonização portuguesa a região de São Mateus era habitada por índios aimorés, também conhecidos como Botocudos. Urnas funerárias encontradas na região de Barra Nova, na década de 1960, além de peças de cerâmica encontradas em uma escavação ao lado do Hospital Roberto Silves, em 1998, são atribuídas à etnia tupi, da qual os aimorés fazem parte, e são datados como sendo do período que vai do século X até o século XVI.

Há relatos em manuscritos, que datam do início da colonização, que havia nessa região a incidência de índios antropófagos. Estes índios não sabiam nadar, como os demais índios Tupis, mas remavam com habilidade e manuseavam argila com destreza. Destes ilustres moradores do Vale do Cricaré temos o relato de um dos combates mais sangrentos da história do Espírito Santo: A Batalha do Cricaré.

Retomando os escritos de (Nardoto, 2016): Assim que assumiu o governo em 1557, Mem de Sá soube que Vasco Fernandes Coutinho e muitos colonos estavam cercados e correndo risco de serem mortos pelos índios que lhes faziam dura guerra e haviam destruído a donatária do Espírito Santo. O Governador Geral então enviou uma expedição em janeiro de 1558 para salvar a todos. Esta missão foi comandada por seu filho, o Capitão Fernão de Sá. Segundo narrativas do Frei Vicente do Salvador, essa expedição contava com seis embarcações e duzentos homens. Estavam bem armados com canhões e espingardas, além de espadas de aço, machados e escudos.

No Vale do Cricaré os índios Tupiniquins, como as demais tribos que habitavam o Brasil lutavam contra as forças portuguesas como as suas armas: arco, flechas, tacapes e escudos feitos de couro arrancados de animais.

Para relatar o combate o Frei Vicente Salvador em seu livro História do Brasil, datado de 20 de dezembro de 1627 (apud NARDOTO, 2016, p. 71) assim descreve:

Neste tempo estava Vasco Fernandes Coutinho em grande aperto posto pelo gentio na sua capitania do Espírito Santo, e mandou a bahia requerer ao governador Mem de Sá que o socorresse, o que o governador logo fez, mandando cinco embarcações bem providas de gente, e por capitão mor dela a seu filho Fernão de Sá. Chegaram a porto Seguro onde lhe disseram que no Rio Cricaré estava o mais gentio, que fazia guerra a Vasco Fernandes e que aí haviam de ir buscar, oferecendo-lhes para ir com eles, como de feito foram, o capitão Diogo Alvares e Gaspar Barbosa em seus caravelões, e navegaram pelo dito rio arriba quatro dias, até que viram as cercas do gentio que estavam juntas da água, onde pondo as proas em terra por estar a maré cheia, por elas desembarcaram, e saltaram fora os soldados, tornando os marinheiros com os navios ao meio do rio por não ficarem em seco na vazante, e os bombardeiros, para lá se fazerem seus tiros. Começou-se a travar a briga, na qual logo no primeiro encontro puseram o gentio em desbarate, mas tornando-se a ajuntar, e reformar, voltou com tanta força que forçou aos nossos a desordenarem, e misturarem com os inimigos, de maneira que os tiros que tiravam das embarcações, não só os não defendiam, mas antes os feriam e matavam, e retirando-se para se acolher a elas estavam tanto ao pego, que os mais foram a nado, e os feridos em algumas jangadas, entre os quais foram os dois capitães Adorno e Morin, ficando o capitão mor com seu alferes Joane Monge na retaguarda, onde crescendo o gentio, que de outras aldeias vinha de socorro, os mataram a flechadas; e assim acabou Fernão de Sá, depois de haver feito grandes coisas em armas contra a multidão desses bárbaros, assim nesse combate como em outros que se achou na Bahia e em outras partes: os mais se partiram para o Espírito Santo, onde Vasco Fernandes os recebeu com muito pesar, sabendo do seu destroço e da morte de Fernão de Sá, e os mandou com a mais gente que pôde ajuntar a dar em outros gentios, que os tinha quase em cerco, os quais lhe fizeram levantar, posto que com a morte de alguns dos nossos, entre os quais Bernardo Pimentel, o velho que mataram ao entrar em uma casa. Feito isso se foram a São

Vicente e daí a Bahia, onde o governador os não quis ver, sabendo como haviam deixar materem seu filho, e quando eles não tiveram essa culpa, nem por isso a devemos dar ao pai em fazer extremos pela morte do filho.

Após a morte de Fernão de Sá, o governador geral envia uma força punitiva comandada por Diogo de Mourim, que comandou um massacre que durou meses, destruindo aldeias e mantando muitos índios de toda a região de São Mateus. É o proprio Mem de Sá quem escreve ao rei de Portugal; (apud NARDOTO, 2016, p. 73): “Fica a Capitania do Espirito Santo agora Pacificada e o seu gentio tão castigado, mortos tantos e tam principaes, que parecem que não lavantam a cabeça tam cedo”.

A cidade tem como marco de seu desenvolvimento a construção do Porto no Rio Cricaré, cuja entrada de africanos escravizados no município se dava através dele, tendo início no período colonial e estendendo-se e se intensificando durante o século XIX, mesmo após a proibição do tráfico transatlântico em 1850 até a abolição da escravatura, tendo no auge, 16 empresas situadas no porto, atuando exclusivamente neste vergonhoso ramo. A chegada de navios negreiros ao Porto era festivamente aguardada pela população, principalmente pelos compradores, na expectativa de escolherem as melhores “peças”. Ainda a bordo, os africanos escravizados eram preparados, ou seja, homens e mulheres azeitados, os ferimentos e tumores cobertos com ferrugem e pólvora. Em caso de infecção intestinal, o ânus era preenchido com estopa. Devidamente desembarcados, os negros acorrentados em fila indiana eram tangidos até o mercado. Ali eram examinados pela sua compleição física e até origem tribal. Dava-se preferência na compra de negros da canela fina, do calcanhar para trás e da nádega pequena, sendo consideramos os melhores para o serviço na roça (Nardoto, 1999).

Outro fato importante relacionado ao comércio escravista é que na região de São Mateus registra a apreensão do último navio negreiro clandestino que circulou na costa brasileira, em 1856, após a lei de 1850 proibindo o tráfico de escravos africanos para o Brasil. Algumas dessas embarcações chegavam a amontoar mais de 300 cativos, que vinham nus, mal alimentados e acorrentados uns aos outros, numa viagem que durava mais de 90 dias. Muitos não resistiam aos sofrimentos impostos, morriam e eram jogados no mar.

No período entre 1863 e 1887, foram negociados um total de 606 africanos escravizados na cidade, sendo 326 homens e 269 mulheres. Os preços destes variavam bastante, em função de fatores diversos tais como sexo, idade, ofício, condição física, dentre outros, além de estarem sujeitos incidentes específicos, tal como a proibição do tráfico transatlântico na década de 1850(Nardoto, 1999).

O município de São Mateus tem uma forte influencia da cultura africana, que ainda hoje se ve ao andar pelas ruas da cidade, pois a maioria de sua população é negra, embora o censo de 2010 do IBGE, em pesquisa de autodeclaração, a população se declara como composta por pardos (57,29%), brancos (28,17%), pretos (13,61%), amarelos (0,83%) e indígenas (0,09%). No aspecto educacional vemos algumas escolas quilombolas, o que contradiz o censo autodeclaratorio do IBGE.

Após o término do tráfico negreiro, o Porto de São Mateus continuou importante sobretudo no comércio de farinha, que durante anos sustentou a economia local. Os anos passaram, e o meio de transporte fluvial foi sendo substituído pelo terrestre, mas a imponência e a beleza do Rio Cricaré continua a mesma. O Porto deu lugar ao Sítio Histórico com a revitalização dos casarões, mostrado na Fotografia 1 e registrado na memória daqueles que viveram essa época.

Fotografia 1 – Sítio histórico Porto de São Mateus



Fonte: Disponível em <https://www.google.com.br/> Acesso em 24 Jul. 2018.

Não podemos deixar passar um outro componente para a construção cultural de São Mateus que foi a imigração europeia, com forte ascensão dos Italianos. Eles chegaram no município no ano de 1888. Milhares chegaram por aqui e foram se instalando no interior do município. A chegada destes imigrantes é mais um ingrediente na formação cultural de São Mateus. Atualmente a sua economia se baseia na agricultura e no extrativismo petrolífero, bem como o turismo. Outra questão importante é o fato de a cidade vir se tornando um polo educacional para a região norte do Espírito Santo. Primeiro com a implantação do CEUNES/UFES e depois o IFES, que desencadearam um processo de instalação de outras Instituições de Ensino Superior como a Faculdade do Vale do Cricaré, Multivix, Unopar e outras.

5 FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Matthew Lipman, criou uma proposta de ensino de Filosofia para crianças com o objetivo de, na educação, usar formas lógicas de raciocínio, favorecer o desenvolvimento de condutas individuais e coletivas que tornem consensual a vida em sociedade.

O programa de Filosofia para criança nasce quando Matew Lipman, Professor de Filosofia Canadense percebe que as dificuldades dos Estudantes universitários tinham origem na escola elementar que, por sua vez, não favorecia o desenvolvimento das habilidades de pensamento. Lipman deduziu que a lógica e a Filosofia tinham que serem ensinadas desde os primeiros anos de escolaridade e não apenas mais tarde, na universidade quando o problema já tivesse se agravado. Lipman observou um professor que tentava ensinar a ler crianças com deficiências neurológicas e, na ocasião, sugeriu ao mesmo que aplicasse a elas exercícios para extrair inferências lógicas, pois ele notou que as crianças menores conseguiam ler as palavras, mas não conseguiam interpretá-las. O professor aplicou a sugestão dada e notou uma melhora no desenvolvimento intelectual das crianças confirmando o raciocínio de Lipman de que “as crianças podiam aproveitar a instrução no raciocínio, contanto que recebesse isso antes em 32 seu desenvolvimento” (LIPMAN, 1999, p. 22).

Com base nesses fatos Lipman colocou as seguintes questões:

- É possível ajudar as crianças a pensar com maior habilidade?
- Como conseguir que pensassem bem?

Posteriormente e de acordo com as questões pensadas por ele, Lipman, auxiliando sua esposa no trabalho que ela desenvolvia com crianças com “deficiência”, constatou que na realidade muitas das que ali estavam não apresentavam qualquer deficiência biológica, apenas falhas em seu processo educacional, que não lhe propiciara condições adequadas para o desenvolvimento do pensamento lógico, único e real obstáculos a sua integração na sociedade. Lipman entende que bastaria então assegurar tais condições, como por exemplo, através do ensino da Lógica desde cedo, para que o problema fosse resolvido.

Outro fator que contribuiu para despertar em Lipman o interesse pelo ensino da Filosofia para crianças foi o impacto nele provocado pela Revolta Estudantil do final da década de 1960. Naquele momento confessa, parecia que o irracionalismo estava difundido e que os jovens não estavam sabendo usar corretamente suas

habilidades de raciocínio. Dessa forma, o pensamento de Matthew Lipman se assemelha ao método utilizado pelo filósofo Sócrates, que é visto como uma possibilidade de ação pedagógica no seio da própria Filosofia, como afirma Silveira (2011, p. 131):

Matthew Lipman compreende a educação como caminho fundamental para a construção da sociedade desejada, portanto, é imprescindível que sejam feitas as devidas transformações no sistema educacional “para que tenhamos líderes e eleitores menos egoístas, mais esclarecidos, solidários, generosos e altruístas, uma população mundial mais racional e, conseqüentemente, circunstâncias de vida mais favoráveis”. E para que tais mudanças possam ser colocadas em curso, é preciso criar um meio minimamente satisfatório pelo qual as expectativas objetivadas possam concretizar-se. E “na visão de Lipman, o caminho para essa correção é reorganizar o sistema de ensino com base no paradigma de sua ‘educação para o pensar’” (SILVEIRA, 2011, p. 131).

Lipman criou seu programa de Filosofia para Crianças como um possível caminho capaz de gerar às mudanças necessárias na estrutura de ensino que se encontrava em colapso nos Estados Unidos. A partir daí, Lipman fundou em 1974 o Instituto para o Desenvolvimento de Filosofia para Crianças. Vale ressaltar que o programa de Filosofia para crianças, apesar de ter esse nome, não se restringe literalmente apenas aos mais pequeninos, já que na prática a proposta visa abarcar todos os níveis da educação básica. E, sumariamente, segundo Lipman (1990) e Kohan (1999; 2008), podemos descrever que o programa Filosofia para Crianças consiste no emprego de materiais próprios e de uma metodologia específica utilizada em sala de aula, a saber:

- Os materiais utilizados com os alunos: são as novelas filosóficas, que em sua maioria foram escritas pelo próprio Lipman. Nelas, ele busca reconstruir de forma lúdica a história da filosofia ocidental. “[...] São diálogos entre crianças, professores, pais e vizinhos. A maioria das personagens são crianças – esses diálogos acontecem geralmente numa escola que têm a mesma idade dos seus leitores” (KOHAN, 2008, p. 51).

Esses personagens aparecem como modelos de investigadores nos quais as crianças devem tomá-los como exemplo, pois eles estão a todo tempo debatendo questões significativas de suas realidades. São “[...] crianças de ficção no ato de

descobrir a natureza da disciplina na qual e sobre a qual é esperado que as crianças da sala de aula pensem” (LIPMAN, 1990, p. 22).

- Os manuais utilizados pelos professores: são livros que servem como uma espécie de bússola a fim de orientar os profissionais sem formação na história da Filosofia. São manuais “[...] que propõem exercícios e planos de discussão a partir das ideias principais contidas nas novelas” (KOHAN, 2008, p.51).

Tais manuais são compostos de sugestões de como os profissionais da educação devem proceder para explorar ao máximo as potencialidades das novelas filosóficas, encetando quais perguntas podem/devem ser feitas e quais exercícios podem ser aplicados para obtenção de um resultado satisfatório da investigação reflexiva. Vale ressaltar que, por haver esse material de suporte pedagógico ao educador, não se exige na prática de Filosofia com crianças, na proposta aqui apresentada, que o professor enquanto mediador dos diálogos seja licenciado em Filosofia – basta para tanto que obtenha os treinamentos do programa para posteriormente esteja apto a aplicar.

Em seu livro *A Filosofia vai à escola* (1990, p. 79). Lipman afirma a necessidade de preparar as crianças, social e cognitivamente, para que através do diálogo possam trabalhar na construção de uma sociedade democrática. A transformação da sala de aula em uma comunidade de investigação, onde o diálogo e a busca pelo consenso formam a base da convivência do grupo é o meio proposto pelo autor para alcançar essa sociedade ideal. Entendida como uma tarefa fundamental da educação, ainda afirma que essa preparação deve começar desde os primeiros anos da educação básica, visto que “a sociedade que quiser que da escola saiam pessoas reflexivas e racionais deve cuidar para que o ambiente da própria escola seja reflexivo e racional.

A Filosofia para crianças de Matthew Lipman e a literatura produzida para a sua divulgação parecem sugerir que a atuação prática na vida em sociedade possa ser ensinada e incentivada através de um programa de estudos que desenvolva habilidades cognitivas e comunicativas. Parece-nos que nas entrelinhas dessas pretensões pedagógicas e éticas está a concepção de razão que aponta o sujeito

racional como aquele capaz de dominar conscientemente os ímpetos da emoção e realizar atos morais dirigidos pelo intelecto. Trata-se de dirigir a ação por meio da razão.

Para nossa reflexão e análise, a Filosofia para crianças leva em consideração a visão de mundo dos educandos? Matthew Lipman acredita que sim, visto que as novelas filosóficas são construídas a partir dos problemas próprios das crianças, sendo construídas propositadamente em forma de história, apelo para a imaginação e para a curiosidade. Como podemos ver, o significado de levar em consideração a “visão de mundo do educando” é no sentido universal. Parte do princípio de que toda criança gosta de história, é imaginativa e curiosa. O próprio termo educando já é uma abstração, no sentido de que não existe educando como uma categoria universal.

5.1 FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NO BRASIL

O Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, órgão oficial de representação dessa proposta no Brasil, se constitui originalmente como um programa educacional que cultiva o desenvolvimento das habilidades de raciocínio através da discussão de tópicos filosóficos. Tal programa inicia a sua aplicação na própria sala de aula, considerando-a uma "comunidade de investigação", em que alunos e professores discutem ideias baseadas nos livros, sendo o professor o mediador dessa discussão.

Para Matthew Lipman (1998), essa Comunidade de Investigação, que permite com que as potencialidades da criança como inquirir, discutir e ter curiosidade sejam manifestadas, deve proporcionar o desenvolvimento de quatro tipos específicos de mega habilidades nos alunos: de investigação, de tradução, formação, conceitos e raciocínio.

As habilidades de investigação pressupõem: "[...] explicar; predizer; identificar causas e efeitos, meios e fins e diferenciar uns de outros; formular problemas; estimar e medir"(KOHAN, 2000, p.64). Já as de tradução, devem desenvolver nos alunos a capacidade de "[...] colocar-se no lugar do outro, interpretar, inferir visões

de mundo" transformando, assim, um modo de expressão em outro, compreensivelmente. Tratando-se das habilidades de formação de conceitos, estas permitem com que as pessoas estabeleçam "[...] relações orgânicas significativas das partes entre si e com o todo" (ibidem, p.65). Junto a essas três habilidades deve ser desenvolvida a de raciocínio, que pressupõe o conhecer a partir da experiência. Segundo Lipman (1998), a lógica é imprescindível para que haja o raciocínio, pois através dela é possível perceber diferenças entre as concepções de pessoas integrantes de um mesmo grupo e de diferentes grupos dos quais elas fazem parte, possibilitando, assim, a racionalidade.

A Filosofia constitui-se em uma área de conhecimento que pode estar presente em qualquer época histórica e que se preocupa em desenvolver as habilidades mencionadas acima tanto em adultos quanto em crianças. Além disso, suas abordagens temáticas interessam a qualquer pessoa em qualquer idade. Assim, tanto o modo de filosofar do adulto quanto o da criança são possíveis, mas em diferentes proporções, respeitando-se as peculiaridades de cada fase do desenvolvimento. Sua preocupação, em qualquer aspecto, é ajudar o sujeito a "[...] pensar e transformar o mundo." (GADOTTI, 2000, p.21), tendo como "missão", "formar o espírito crítico".

Lipman, tendo consciência de que os temas próprios da Filosofia são pertinentes a todas as idades, utilizou as novelas filosóficas enquanto uma estratégia para abordar, junto às crianças e adolescentes, questões ligadas a essa área do conhecimento. Tais questões são trabalhadas com diferentes graus de complexidade variando de acordo com as faixas etárias.

Nesta perspectiva, as aulas de Filosofia para Crianças devem estar voltadas para uma análise da realidade, perpassando por questões acerca dos próprios alunos e do professor. Mas, isso não acontece sem intencionalidade por parte do educador, que para chegar a este objetivo, deve criar um ambiente, em sua sala de aula, questionador, concreto, no qual o aluno tenha a liberdade de pensamento, autonomia e seja visto como um ser capaz de produzir e transformar a realidade em que vive.

Por isso, a Filosofia, o exercício do livre debate, é uma necessidade de todos: ensinar a aprender, a problematizar o que parece evidente, correto; ensinar a aprender a contestar, inclusive o pontificado dos filósofos e o museu dos seus grandes 'clássicos'. É preciso que a Filosofia volte contra si as mesmas armas que aponta a todo o conhecimento humano... (GADOTTI, 2000, p.21).

Um aspecto imprescindível a ser trabalho pelo educador no horizonte da Filosofia para Crianças, é saber problematizar, dentre outras coisas, as próprias "certezas" que fazem parte do mundo do ser humano, de modo a investigá-las e percebê-las de maneira despida de estigmas. Isso proporciona uma maior capacidade reflexiva, fazendo com que a criança possa desenvolver habilidades, criatividade, emoções.

As discussões geradas pela Comunidade de Investigação não devem se restringir ao contexto da sala de aula, ao contrário, têm de ser expandidas para outras dimensões. Por isso, os participantes dessa Comunidade precisam ter a consciência de que suas contribuições não serão benefícios individuais, podendo se estender a outros grupos. Se trabalhada adequadamente no campo educacional, a Filosofia para Crianças pode ajudar o aluno a investigar a si próprio e as diferentes concepções pautadas nas particularidades de cada grupo.

Em uma Comunidade de Investigação é importante que o pensar se inicie com uma partilha intelectual daquilo que é discutido, tendo como princípio a autonomia de pensamento de cada indivíduo, pensamento este que deverá ser construído pelo próprio sujeito e internalizado através do diálogo. (Vigotsky, apud KOHAN, 2000, p.73)

A investigação proposta pela Filosofia para Crianças valoriza a livre expressão do aluno, a qual possibilitará a construção do seu pensamento. Este aluno deverá ter voz ativa em sala de aula tanto quanto o professor, uma vez que todos (professor e alunos) discutirão questões de interesse em comum, cabendo ao educador o exercício de estimular os seus educandos. Nesta perspectiva, é imprescindível que o professor transmita segurança física, psicológica e intelectual para a criança, assim ela pode se manifestar em sala de aula com autonomia e confiança, importantes aspectos para uma Comunidade de Investigação.

5.2 FILOSOFIA PARA CRIANÇAS EM SÃO MATEUS

Tudo se inicia com a Professora Dena⁹ teve a oportunidade de conhecer os trabalhos do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, originário do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman. E lá se foi a Professora Dena participar de uma dessas formações realizadas pelo Centro Brasileiro de Filosofia com Crianças. Posteriormente, em 2007, entusiasmados com a ideia e contagiados com o entusiasmo da Profa. Dena, um grupo de professores da Rede Municipal de São Mateus se organiza e vão a São Paulo realizar capacitação similar no referido Centro Brasileiro de Filosofia.

A experiência e a absorção dos conteúdos ainda hoje são lembradas pela Professora Ana Paula que em entrevista (2018), não se furtou em relatar a experiência do grupo de professores:

Eu começo a formação no município em 2007, mas essa formação vem desde 1998, quando os primeiros professores que acreditaram na proposta de Filosofia para crianças, se juntam e vão para a formação em São Paulo e quando eles voltam, eles não ficam com isso só para eles, eles disseminam essa formação entre outros professores. Mas eu fiz a minha formação em 2007, formação específica com o pessoal do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças.

Partindo deste pressuposto de que a formação é importante para a inserção da Filosofia como disciplina na Rede Municipal de Educação no Ensino Fundamental de São Mateus, nos propomos construir uma Linha do Tempo desde a proposta, a trajetória e os seus principais avanços.

No ano de 1998 a Professora Dena começa a trabalhar na Associação Nova Esperança¹⁰, para implantar a matéria de Filosofia na grade curricular. Com tal

⁹ Edeny Gomes Furini, (Dena) professora e pedagoga, atual Diretora da Escola “Egídio Bordoni, na Comunidade de Nova Esperança. Foi a pioneira no ensino da Filosofia na Rede Municipal de Educação de São Mateus e a responsável pela implantação da matéria Filosofia nas series iniciais. Também a primeira coordenadora de Área de Filosofia do município.

¹⁰ A Associação de Moradores “Nova Esperança” foi criada em 1º de outubro de 1970 pelo casal de missionários italianos, Egídio e Luigia Bordoni. Criada para oferecer apoio a famílias de bairros carentes de São Mateus, através da ajuda mútua em associação, a Associação Nova Esperança centrou o foco da sua ação nas crianças e adolescentes, através principalmente da educação. Em fevereiro de 1972 foi fundada uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e em 1974 um CEIM (Centro de Educação Infantil), que no total atendem hoje 420 crianças. A partir de 2013, devido a

experiência, a Professora Dena também implantou o Programa de Filosofia para Crianças em determinada escola particular no município. Posteriormente, foi convidada para iniciar esse trabalho na Rede Municipal através da Associação Nova Esperança que mantinha junto com a Prefeitura Municipal um Centro de Educação Infantil e uma Escola de Ensino Fundamental. Nesse ano de 1998 Dena já havia feito curso no Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças.

Conforme relato da Professora Dena, em entrevista (2018), temos a oportunidade de acompanhar melhor a sua trajetória como pioneira

Em 1998 eu vim trabalhar para o município, a convite da dona Luigia. Então na Nova Esperança comecei a trabalhar com gestores e com os professores dentro de uma proposta mais filosófica, aí dei prosseguimento a minha formação no Centro Brasileiro de Filosofia para crianças e me encantei com essa proposta de entender que eu poderia trabalhar com a filosofia com as crianças e para as crianças. Quando comecei na Nova Esperança, ainda não era nem Ensino Fundamental. Era aquele primeiro ano segundo ano, e a princípio era porque tinha muitos problemas de indisciplina. Então fiz um projeto em 1998 e comecei a trabalhar, lembrando sempre que a princípio com os profissionais que trabalhavam com as crianças, e depois com as próprias crianças. Fiz o projeto, organizei o currículo. Para trabalhar com as crianças do Ensino Fundamental eu utilizava o livro do Pimpa e Issão e Guga.

Fotografia 2 – Professoras Dena e Adriana. Pioneiras no ensino de Filosofia na Rede Pública de Educação de São Mateus



Fonte: Arquivo Adilson Vieira, 2018.

mudanças na legislação, a coordenação dos centros de ensino foi passada para a Prefeitura e para o Governo do Estado, continuando a parceria para manter o nível do ensino em patamares de excelência. Nova Esperança, além dos trabalhos interdisciplinares e contextualizados transmite a todos os alunos desde a educação infantil até o ensino fundamental (1ª a 4ª séries) uma visão de conhecimento voltada para a construção a partir do "eu" de cada criança e adolescente, através da educação musical, hortifruticultura, informática, trabalhos manuais, esporte, acompanhamento escolar e filosofia. Disponível em: <<http://www.novaesperanca.org.br/>>. Acesso em: Set. de 2018.

Fotografia 3 - Professores e Coordenadores de área de Filosofia de São Mateus sendo entrevistados pelo Pesquisador José Adilson Vieira.



Fonte: Arquivo Adilson Vieira, 2018.

Em 2004 o quadro se amplia com a Professora Adriana para compor a coordenação junto com a Professora Dena, que a partir desse momento sentiu que não estaria mais sozinha e ambas desejavam ampliar o programa de Filosofia para outras escolas públicas do município. Nesse ano de 2004, o Professor Almir Marinho – licenciado em Filosofia e História, é chamado pela Secretaria de Educação para ver se aceitava dar aulas de Filosofia na Escola Municipal de Ensino Fundamental Bom Sucesso, uma escola na periferia de São Mateus. Assim, iniciou seu trabalho com o intuito de ensinar as crianças a criarem o hábito de estudar e levar as crianças a refletir, questionar e serem mais críticos, conforme relata o Professor Almir Marinho em entrevista (2018).

Comecei a dar aulas de Filosofia na escola Bom Sucesso, no ano de 2004 e na época a secretária me propôs que eu começasse a dar aulas de Filosofia para adolescentes no Ensino Fundamental. Comecei contando histórias e contos e o objetivo era ensinar o básico de Filosofia como objetivo para que as crianças aprendessem a questionar e se sentir estimuladas a participar de discussões, debates e saberem fazer perguntas, ou seja, possibilitar interesse em nossas crianças para que elas criassem o hábito de questionar e estudar.

No ano de 2005, cerca de 50 professores se uniram, se cotizaram e trouxeram formadores do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças para desenvolver uma formação específica em Filosofia com duração de uma semana para os professores da rede municipal que se dispunham em integrar o Programa de Filosofia nas escolas municipais de São Mateus. Esse curso foi um momento de reafirmar que a

proposta de inserir a disciplina Filosofia era pra valer. O fato de os professores custearem do próprio bolso a despesa mostrava o quanto estavam comprometidos com esta tarefa, o que demonstra que há entraves ou desinteresse para a concretização da proposta de implantação da disciplina ora evocada. Lamentavelmente, o poder público municipal não custeou a formação dos professores.

Durante o ano de 2007, a Secretaria Municipal de Educação recebeu o convite para participar do Encontro de Professores de Filosofia do Espírito Santo. Esse convite partiu da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, a fim de apresentar uma apresentação do trabalho de Filosofia desenvolvido com as crianças nas escolas públicas de São Mateus. Para provar que o trabalho era sério e inovador, a Professora Dena levou um grupo de alunos para fazerem essa apresentação por meio de uma sessão filosófica pelas crianças que foi um sucesso, embora houve insinuação de que as crianças haviam sido ensaiadas, motivo pelo qual entristeceu os professores.

Relato da Professora Dena, em entrevista, (2018)

Ficamos muito chateados nesse evento porque eles (alguns professores da UFES) durante o evento perguntaram se as crianças haviam ensaiado aquilo, fiquei indignada com a pergunta. Nesse encontro quem fez o maior gesto de valorização de nosso trabalho foi o Walter Kohan¹¹.

Ainda em 2007, a Secretaria Municipal de Educação é convidada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ para apresentar o trabalho realizado com Filosofia para crianças na Rede Pública Municipal de Educação de São Mateus. Diante da repercussão positiva da participação nos dois eventos a Secretaria

¹¹ Walter Omar Kohan é professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e do Prociência (UERJ/FAPERJ). Foi Presidente do Conselho Internacional para a Investigação Filosófica com crianças (ICPIC), vice coordenador do GT de Filosofia da Educação de ANPED e Coordenador do GT "Filosofar e ensinar a filosofar" da ANPOF. Publicou mais de 50 trabalhos em periódicos especializados em vários países e publicou ou organizou mais de 50 livros. Coordena desde 2007 o Projeto de Extensão em Escola Pública ("Em Caixas a Filosofia en-caixa?", UERJ/FAPERJ) e Projetos de Pesquisa Interinstitucional junto a Universidades Nacionais e Internacionais. É orientador de monografia, mestrado, doutorado e pós-doutorado nas áreas de ensino de filosofia, infância e filosofia da educação.

Municipal de Educação resolve ampliar o programa, e investe na capacitação dos professores que ministram aulas de Filosofia.

A partir daí, no auge do processo (2008), a Secretaria Municipal de Educação organiza um Curso de Formação Continuada denominado Filosofia para Crianças. Esse processo de formação de 120 h/a teve a participação de 130 professores, todos da rede pública municipal. A estratégia para não ser cansativo e possibilitar o máximo de aproveitamento, foi a de dividir curso em seis módulos. Ao final foi realizado um grande encontro.

I Seminário da História da Filosofia para Crianças

Módulos:

- I – Formação da comunidade de investigação;
- II – Elaboração do plano de ensino;
- III – Filosofia e transdisciplinaridade;
- IV – Práticas Pedagógicas;
- V – História da Filosofia;
- VI – Avaliação filosófica,

Figura 2 – Folder do “I Seminário da História da Filosofia para Crianças” realizado em São Mateus - 2008



Fonte: Arquivo da professora Dena. (2018).

A Figura 2 nos mostra com detalhes a programação do “I Seminário da História da Filosofia para Crianças” realizado em São Mateus – 2008, o qual podemos registrar que foi bem recebido pelo público. E ainda registramos a preocupação das políticas públicas municipais e a formação continuada atribuída a essa demanda.

No ano de 2011 a Secretaria Municipal de Educação envia para o Conselho Municipal de Educação uma proposta de formalização da disciplina Filosofia na grade curricular, uma vez que ela já estava sendo ofertada em várias escolas de Ensino Fundamental e Educação Infantil, no sentido de que seja normatizada. Apesar dos esforços empreendidos, a referida proposta ainda se encontra no Conselho Municipal de Educação, sendo discutida e não havendo consenso, não se consegue ter aprovação. A Professora Dena relata que: “[...] ...o conselho não gostava da Filosofia eles ficavam criando histórias e conversas, questionando o tempo inteiro, embora nós sempre tivéssemos com atitudes mais acolhedoras” (2018).

Nos anos de 2011 e 2012 a Secretaria Municipal de Educação de São Mateus estabeleceu um termo de Parceria com o Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES/UFES) com o objetivo de oferecer formação continuada aos professores de Filosofia da Rede Municipal de Educação de São Mateus. Essa parceria gerou os cursos de extensão intitulados de Nortes da Filosofia: Formação Continuada, Currículos e Cotidianos e II Curso de Extensão Nortes da Filosofia – A Filosofia na História.

Entre 2013 e 2015, houve uma lacuna, pois não há registro na Secretaria Municipal de Educação de coordenador de área, como havia desde o início do processo, nos parece que toda esta experiência ficou adormecida, sem alguém motivado para ser elo entre os professores. Bastou a não nomeação de um coordenador que um trabalho de vinte anos ficou estagnado, também mostrou a importância de uma coordenação. Embora haja profissionais comprometidos há a preocupação de que os avanços não se percam e os entraves não sejam intransponíveis.

Durante o ano de 2015, a Prefeitura Municipal de São Mateus abriu Concurso Público para preenchimento de vagas em diversas áreas e neste pela primeira vez

havia vagas para Professor de Filosofia efetivo - embora muitos dos que lecionavam a matéria tinham formação em áreas diversas e possuíam especializações ou cursos de capacitação em Filosofia. O concurso cria no município a possibilidade de se ter no quadro de efetivos um time de professores formados em Filosofia. Após finalizado o concurso, os 26 que passaram foram convocados para assumir o cargo e já no primeiro ano de docência, vários solicitaram exoneração - hoje apenas 17 continuam em seus cargos. Investigando o motivo da desistência desses que solicitaram exoneração encontramos os que passaram em outros concursos e os que não se adaptaram a missão de lecionar Filosofia para crianças. Neste caso há de se considerar a desistência desses, pois como observa a pesquisadora Renata Aspís:

É bastante possível que aquele que se dedicar a dar aulas de Filosofia para crianças e jovens no Brasil, hoje, sentirá a necessidade de pensar seriamente no que isso significa antes de sentir-se em condições de decidir o que fazer em suas aulas e como fazê-lo (ASPIS, R. P. L., 2004, p. 306).

Em 2016, mesmo sem coordenador na área de Filosofia foi articulado entre a Coordenação do Ensino Fundamental e CEUNES/UFES, um novo Termo de Parceria para se restabelecer a formação continuada. Dessa vez a capacitação começou com 60 profissionais da rede que se dividiu em duas turmas – uma aos sábados pela manhã e outra na segunda-feira à noite, sempre nas dependências do CEUNES/UFES.

Em 2017 com nova administração, a Secretária Municipal de Educação nomeia um coordenador de área de Filosofia que retomou as relações com a CEUNES /UFES para se manter o curso de formação continuada para os Professores de Filosofia da Rede Municipal. Desta vez se toma a opção de fazer somente uma turma que será quinzenalmente, sempre aos sábados pela manhã nas dependências do CEUNES/UFES. Nesse compasso, há uma queda de 50% na participação, pois dos 60 participantes, somente 30 concluíram.

Ainda em 2017 no sentido de retomada, foi realizado, em São Mateus, fruto do aprofundamento das relações entre CEUNES/UFES e a Secretária Municipal de Educação, o Seminário Filosofia com Crianças, Infância do Pensar: movimentos nas escolas públicas de São Mateus. Este evento contou com a parceria da

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e foi direcionado para os Professores de Filosofia da rede Municipal de Educação de São Mateus, embora aberto ao público em geral. Houve apresentações de professores de Filosofia de Duque de Caxias/RJ, que trouxeram a experiência deles com o ensino de Filosofia para crianças naquela rede pública. Podemos afirmar que foi um momento importante de vivências e de trocas de experiências entre profissionais do magistério dos dois estados.

Todo esse processo de mais de 20 anos foi coroado em agosto de 2018, quando ocorreu em São Mateus, também em parceria entre a Prefeitura Municipal e o CEUNES/UFES, o Seminário Internacional Filosofias e Infâncias, cujo tema foi: Filo sofia com Infâncias: resistir na escola. O objetivo foi o de contribuir com a formação continuada dos docentes da educação básica, articulando ensino, pesquisa e extensão na afirmação da escola como espaço de formação. Este momento foi um momento especial de reflexão sobre toda essa trajetória, seus avanços e seus entraves, bem como os caminhos que ainda haverá de se percorrer.

Nesse ano de 2018, mesmo com resistências à aprovação de Filosofia como disciplina, o Conselho Municipal de Educação, a Secretária Municipal tem realizado quinzenalmente encontros com os professores de Filosofia, que servem como espaço de troca de experiências e também como forma de suporte na elaboração e no planejamento de aulas, além de ser um espaço privilegiado para o monitoramento das práticas filosóficas executadas nas salas de aula.

5.3 SEMFILI – SEMINÁRIO INTERNACIONAL: EDUCAÇÃO, FILOSOFIAS, INFÂNCIAS

O SEMFILI – Seminário Internacional: Educação, Filosofias, Infâncias teve como objetivo firmar o campo de pesquisas em educação, ensino e infâncias no Brasil, buscando afirmar, consolidar e aperfeiçoar o lugar que a Filosofia ocupa no ensino escolar, habitando um lugar de resistência da prática de Filosofia com crianças e adolescentes na escola, sobretudo no Ensino Infantil e Ensino Fundamental, historicamente alijado, com as crianças. O evento teve a pretensão de discutir, a partir da ideia de infância como experiência, como o novo que questiona o

mundo adulto e, no entanto, se oferece à educação que, conforme Hanna Arendt (1979) e Masschelein e Simons (2014) se fundamenta no amor que temos para apresentar o mundo aos infantes.

Sua metodologia teve por base a articulação de palestras, mesas-redondas e oficinas práticas de ensino e de Filosofia, bem como de outras áreas do conhecimento, buscando atender o público-alvo, constituído de docentes da educação básica, estudantes de pedagogia, licenciaturas diversas, mestrandos e demais interessados da comunidade. Os temas abordados se pautaram em analisar concepções de infância, educação e Filosofia; caracterizar os pressupostos teórico-metodológicos do programa Filosofia para crianças e contribuir para a formação continuada de professores da Educação Básica.

O seu ponto alto foi congregar professores de Filosofia para crianças do país e do exterior, mediante palestras de convidados com produção relevante na área da educação, Filosofia, infância, bem como oferecer oportunidade para que professores da cidade de São Mateus e região norte do Espírito Santo pudessem interagir com diversos palestrantes,icineiros convidados (professores mestres e doutores, pós-graduandos com produção na área, de diversos pontos do Brasil), bem como professores do campus do CEUNES-UFES.

Figura 3 – Capa do folder do SEMFILI.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPIRITO SANTO**

Centro Universitário Norte do Espírito Santo –CEUNES
Mestrado em Ensino na Educação Básica (PPGEEB)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Núcleo de Estudos e Filosofias e Infâncias – Nefi(Proped-UERJ)
Faculdade Vale do Cricaré – FVC
Prefeitura Municipal de São Mateus

SEMFILI
SEMINÁRIO INTERNACIONAL
educação filosofias infâncias

**"Filosofar com infâncias:
resistir na escola"**

www.semfili.wixsite.com/seminario



('Criança pensando'. Desenho de criança da Educação Infantil, São Mateus)

São Mateus- ES, 15, 16, 17 e 18 de agosto de 2018

Palestrantes convidados

Prof. Dr. Walter Omar Kohan, Brasil-Argentina (UERJ - Brasil)
Prof. Dr. Giuseppe Ferraro, Itália (Universidade Federico II, Nápoles)
Profª Dra. Laura Viviana Agratti, Argentina,(Universidade Nacional de La Plata)
Profª Dra. Paula Ramos de Oliveira (UNESP)
Profª Dra. Maria Reilta Dantas Cirino (UERN)
Profª Dra. Carmem Sanches Sampaio (UNIRIO)
Profª Dra. Vanise de Cássia Dutra Gomes (Profª Município de Duque de Caxias, PropEd-UERJ)

O Seminário foi pensado para acontecer em São Mateus, por dois motivos:

- 1º. – neste ano de 2018 faz 20 anos que a Rede Pública Municipal de Educação colocou a Filosofia na sua grade curricular;
- 2º. – não há registro (até o momento) de outro município brasileiro que tenha aberto concurso para professor na área de Filosofia para crianças

Todos esses anos (mais de duas décadas) de experiência de Filosofia com crianças em São Mateus, em que pese às discontinuidades devido a mudanças na administração, sem interlocução com universidades ou faculdades locais, podem ser considerados como uma vitória para os que militam pela Filosofia na educação com crianças e jovens.

A Fotografia 4 mostra o quão foi bem aceito e frequentado o SEMFILI pelo público variado. Podemos afirmar que este evento foi uma ação ímpar na região norte do Espírito Santo, que historicamente sempre foi distante dos grandes centros produtores e difusores do conhecimento acadêmico, sobretudo aquele relativo à educação.

Fotografia 4 – Seminário SEMFILI na Faculdade Vale do Cricaré.



Fonte: Arquivo Adilson Vieira. 2018.

Essa parceria da Secretária Municipal de Educação de São Mateus com o CEUNES/UFES, juntamente com parceiros como a Faculdade Vale do Cricaré, proporcionou acesso de professores do interior do país a pesquisadores experientes e referência nacional e internacional neste setor específico da Educação. Destaque para pensadores como o Prof. Dr. Walter Omar Kohan, da Universidade Estadual do

Rio de Janeiro e Universidade de Colúmbia Britânica, Vancouver, Canadá e a Prof.^a Dr^a Laura Agratti, da Universidade de La Plata, Argentina.

5.4 CAMINHANDO SE FAZ O CAMINHO

Vimos que houve um longo caminho percorrido pela nossa querida Sophia no Ensino Fundamental no município de São Mateus, mas muitos desafios e questionamentos continuam a nos inquietar. Este é um sinal de que Sophia segue viva e deslumbrante, e ainda propõe novos desafios a cada dia. Muitos entraves foram superados, mas existirão outros e mais outros, como que já nesse momento nos desafiam como nos diz o Professor Belarmino, em entrevista (2018):

Os entraves já podem ter sido maiores, acredito que hoje há uma necessidade de a gente pensar em aulas geminadas, para que a gente tenha possibilidades de com dois horários estender a atividade para que a gente tenha um ganho maior na qualidade e no aproveitamento dos meninos para poder vivenciar melhor as experiências do pensamento que a Filosofia busca promover e alcançar com os pequenos.

Outra questão que nos desafia é a inconstância e a fragilidade da matéria enquanto não houver um marco regulatório, pois como vimos a solicitação para incorporação formal na grade curricular está no Conselho Municipal de Educação desde 2011, o que faz com que a matéria não esteja amparada no currículo oficial e isto torna embates todos os anos sempre que há contrariedades ou com modismos que aparecem e seduzem as mentes de gestores de escolas. Nesses momentos sempre vem a público, para se tornar visível e audível o que interessa a alguns manter oculto.

Essa experiência do pensamento filosófico pode até provocar desconforto naqueles que se sentem desafiados por crianças questionadoras, que não aceitam mais serem tratadas como objetos em sala de aula ou alunos que não conseguem mais imaginar suas vidas sem o exercício do filosofar, e isto muitas vezes são confundidos como rebeldia. Essas experiências têm sem dúvida provocado as mais diversas reações, que vão desde diretores que desejam excluir a matéria de sua escola a professores e alunos que desafiam a assimetria das relações e se lançam desnudos na aventura da experiência do pensar, gerando grandes paixões, como diria Spinoza, as paixões tristes e as paixões alegres.

E neste diapasão vamos avançando, pois sabemos que estamos indo no caminho certo. Simples quando o aluno chega para o professor no pátio da escola e faz aquela pergunta: Tio vai ter Filosofia hoje? Você responde sim e ela sai pulando e dizendo “oba”! Ou quando a Professora de Educação Física diz: “nossa!...os alunos estão gostando mais da aula de Filosofia do que de Educação física, nunca vi isso! “

Nos elementos mais complexos, vemos que estamos avançando quando os educadores da escola como um todo começam a perceber a complexidade que é o ensino da Filosofia e das possibilidades que ele oportuniza. Percebem então que o desafio da experiência do pensar é transdisciplinar, mas requer paciência e esforço de que todos nós tenhamos a convicção de que pensar em educação significa pensar necessariamente, no homem e na sociedade tanto do ponto de vista filosófico como político. Bauman (1999, p.11) afirma que: “Questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar a nossos companheiros humanos e a nós mesmos”.

E mesmo com percepções e elementos visíveis, teremos sempre aqueles que não acreditam no teor e importância da disciplina Filosofia e perguntam na Sala dos Professores: para que serve mesmo a Filosofia? Na verdade, o que se está questionando é se a prática filosófica exercida com os alunos nas séries iniciais tem sua eficácia. É comum no dia a dia obter expressões como: “Para que serve? Ou: qual sua eficácia?”

O mundo atual é imediatista. As soluções dos problemas materiais são rápidas e as tecnologias avançaram neste aspecto. Este era o sonho acalentado pelo positivista Comte¹². O árduo trabalho de decodificar as causas e efeitos, de enumerar o inumerável até então possibilitou ao homem de obter resultados mais precisos nas soluções aos inúmeros problemas que surgiam. Muitas vezes as conclusões mesmo sob cálculos precisos não condiziam a contento as soluções. Toda esta prática foi obtendo resultados cada vez mais satisfatórios e cada vez mais precisos.

¹²Pensador francês Auguste Comte (1798-1857) ligado ao positivismo, corrente filosófica que ele fundou com o objetivo de reorganizar o conhecimento humano e que teve grande influência no Brasil. Comte também é considerado o grande sistematizador da sociologia, da qual ele dizia ser a mais nobre das ciências.

Não só foram quantificados os problemas visíveis, observáveis e concretos, mas avançaram nas questões abstratas do conhecimento. Foi então que valorizaram os cálculos matemáticos nas qualidades. A partir deste avanço nada mais deixou de ser medido, podemos dizer que através da decodificação em números temos o controle dos resultados, eis a razão pela qual nossa sociedade é premente nas soluções. Hoje o homem não suporta não dominar o que está ao seu alcance. Há situações que são mais acessíveis de domínio, outras que escapam ao seu imediatismo. Estas tornam o homem estressado.

Marilena Chauí (2000, p. 13) comenta no seu livro “Convite à Filosofia” as razões do porquê a Filosofia? Para “[...] viver bem, para analisar a capacidade da nossa razão e para avaliarmos nossos sentimentos e ações”. Mais adiante ela expõe a atenção imediatista da sociedade moderna que não dá conta de que a Filosofia é que sustenta e garante a estrutura da ciência, da matemática, das artes, da língua portuguesa.

E confirmado por Pradi (2003, p.58):

[...] trabalhar o pensar é tarefa de cada uma das disciplinas e que, se o (a) aluno (a) for condicionado a apenas usar formas para resolver problemas, ele não vai conseguir pensar, e, portanto, terá dificuldade de lidar com o novo, com o inusitado. Diríamos que quando os conteúdos abordados com os (as) alunos (as) não forem problematizados, eles acabam se desconectando uns dos outros e da realidade do (a) aluno (a).

Sendo assim, aprender a pensar por meio do auxílio da Filosofia deve se traduzir numa atitude crítica frente à realidade. É nesse sentido que a formação de um aluno crítico, ainda que não seja responsabilidade única e exclusiva da Filosofia, depende de sua articulação com as diferentes áreas e disciplinas escolares para que a sua formação se complemente.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

O objetivo maior dessa pesquisa é proporcionar um espaço para a reflexão sobre o ensino da matéria Filosofia na Rede Municipal de Educação de São Mateus, à luz de alguns importantes pensadores sobre o ensino de Filosofia para crianças, e como forma de pensar também a nossa prática docente. Para tanto, propusemos fazer um resgate histórico da inserção da matéria na rede municipal, além de refletir sobre seus avanços e entraves durante mais de duas décadas que Sophia se instalou nas escolas do município.

Entendemos que a inserção da Filosofia na rede municipal foi um movimento construído a partir da busca de algo novo para a educação, demonstrando que havia um entusiasmo muito forte, e boa intenção por parte dos profissionais que acreditaram numa proposta de educação diferente, quase que uma escola filosófica. E apesar das dificuldades, como: a não regulamentação da matéria Filosofia de forma oficial no município durante todos esses anos, a iniciativa seguiu conquistando espaço no Ensino Fundamental.

Vimos que a inserção da Filosofia no Ensino Fundamental foi importante para a arte de pensar, pois, pensar é experimentar, é problematizar, é acima de tudo nós pensarmos, nos colocarmos em questão. Concebemos a Filosofia como uma força viva, como um convite à transformação, à ressignificação e à experiência do pensamento, sabendo que pensar filosoficamente o ensino de filosofia é pensar com a Filosofia, com o saber filosófico, o problema do seu ensino.

Acreditamos que Filosofia no Ensino Fundamental, contribui para o avanço e naturalmente para o progresso qualitativo do ensino para nossas crianças e jovens e para todos aqueles que se identificam com uma educação transformadora, que ao que parece, o município de São Mateus entende ser uma tarefa central para a Filosofia em sua rede escolar.

Importante ressaltar que a educação em São Mateus tem ido na direção contrária a maioria das redes públicas, que apostam no não pensar na escola, na não

emancipação de seus alunos e sobretudo numa domesticação ou padronização de pensamentos. São Mateus aposta no contrário, uma vez que o saber aqui é muito diferente ao promovido hoje em dia nas escolas e na educação em geral, desafiando os educadores a repensarem, constantemente, o sentido e o propósito da educação na sociedade contemporânea.

A linha histórica construída pela rede municipal desse município nos mostra que ela apostou na Filosofia e não nos filósofos, pois convida professores de diversas formações, ressaltando que a prática da reflexão filosófica não é e não deve ser exclusiva ou limitada as pessoas graduadas em Filosofia. Seguindo as indicações de Lipman, que foi o inspirador da proposta que se iniciou em São Mateus há mais de vinte anos, mas um convite a todos que assim como Sócrates, estavam dispostos a ensinar pelo exemplo e apostar na experiência do pensar, ou seja educar com o próprio exemplo e com a própria vida. E por isto também apareceram os entraves a normatização na grade curricular, pois, assim como Sócrates, poderia “corromper” as crianças e os jovens.

Quando nos deparamos com um currículo ou linhas gerais para o ensino de Filosofia no município de São Mateus não encontramos nada. Como então acontece o desenvolvimento do pensamento reflexivo se ele não se produz no vazio?

Não é possível pretender que o aluno construa uma competência de leitura filosófica sem que ele se familiarize com o universo específico em que essa atividade se desenvolve, sem que ele se aproprie de um quadro referencial a partir dos conceitos, temas, problemas e métodos conforme elaborados a partir da própria tradição filosófica. E não se pode querer que cada professor o faça por conta e risco próprio, sem ao menos dizer em que direção ele deve ir.

Pensar a Filosofia escolar, no contexto do Ensino Fundamental, remete a uma discussão maior no campo educacional: a didatização dos saberes escolares e o papel do professor enquanto um dos artífices da transposição didática. Esta pesquisa não estabeleceu essa discussão, mas nas entrelinhas da discussão com os professores entrevistados durante a pesquisa, essa questão emerge como fundamental, e exige o reconhecimento de sua pertinência na compreensão do

sentido da presença da Filosofia no Ensino Fundamental da rede municipal de São Mateus.

Nesse sentido, o filosofar emerge com um conjunto de interrogações cuja resposta não é imediatamente dada pelo senso comum ou pelos outros saberes. Estas interrogações, quando corretamente formuladas, constituem os problemas filosóficos. As respostas sistematizadas, enquanto tentativas de solução para esses problemas, constituem as teorias filosóficas. O contato com a tradição filosófica, ainda que não lhe seja dada especial ênfase, é relevante na medida em que se constitui como o campo dos saberes especificamente filosóficos. Não há Filosofia sem problemas, embora haja problemas que não são filosóficos. A Filosofia apenas se ocupa de certo tipo de problemas. Identificar um problema filosófico e distingui-lo de um problema não filosófico são competências fundamentais em Filosofia.

Um aspecto importante foi a proposta de formação que sempre esteve presente na trajetória desse município. Desde sempre buscaram a formação. Acreditavam que o professor teria uma prática diferente a medida que fosse participando de formações, e que o ensino filosófico não se reduziria apenas em exercitar a reflexão sobre algo. Com a formação constante, os professores de Filosofia poderiam, eles próprios e levar também os alunos a se desprender da realidade sensível e experimentar novas maneiras de pensar.

Importante ressaltar que neste período as formações tiveram sempre uma linha de pensamento bem definida. A linha de Matew Lippman, com acompanhamento do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças e mais recentemente o acompanhamento do aluno de Lippman, Valter Omar Koham.

Ao discutir a implantação da Filosofia no currículo na rede municipal de educação de São Mateus, percebemos a necessidade de repensar o papel da escola enquanto instância de construção da identidade dos indivíduos. Para tal é preciso coragem e rompimento, com tudo que o impede de ousar. E a Filosofia se torna a abertura para o pensamento autônomo. Platão na alegoria da caverna ilustra a peregrinação do homem do mundo das falsas opiniões *doxa*, das sombras para o mundo da *diké* através da discussão, do diálogo com seus interlocutores, com o desafio de

desenvolver o senso do questionamento da investigação e da ponderação. Não precisa esperar pela idade adulta para iniciar ao pensar. É como se quiséssemos formar um atleta somente após seus músculos serem desenvolvidos.

Por fim, podemos afirmar que a Rede Municipal de Educação de São Mateus tem acertado em investir na Filosofia para crianças no Ensino Fundamental e denota que está preparando o indivíduo autônomo para o amanhã. Este sujeito estará mais atento e ciente de seus limites e das próprias forças. Por conseguinte, o assunto não está finalizado, deixamos que outros pesquisadores continuem buscando na Filosofia novas ideias para que possam imprimir nas crianças, uma consciência cidadã, social e pessoal.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papirus, 1995.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo, Perspectiva, 1979.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Porto Alegre. ed. Globo, 1969
- ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização – As consequências humanas*. Rio de Janeiro. Zahar 1999
- BRASIL. 1998. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília, MEC/CNE, 342 p.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia: como problema filosófico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- FAVARETO, Celso. *A Filosofia e seu Ensino*. Petrópolis. Vozes. 1993
- FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. São Paulo: Cortez Editora, 1993.
- GADOTTI, Moacir. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000
- GALLO, Silvio. *Ética e Cidadania Caminhos da Filosofia*. Campinas. Papirus 2007.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. Ed. São Paulo: Atlas AS, 2008
- GONSALVES, Elisa Pereira. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.
- HEGEL, F. *Introdução à história da Filosofia*. São Paulo: Hemus, 1983.
- HERACLITO, Fragmentos In: *Os Pensadores Originários*. Ed. Bilingue e tradução de Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis, Vozes. 1993.
- JAPIASSU, Hilton - *Introdução ao Pensamento Epistemológico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves 1974.
- KHOAN, Walter Omar; LEAL, Bernardina (org.) *Filosofia para Crianças. A Tentativa Pioneira de Matthew Lipman*. Vol. I., 3ª. ed., Petrópolis: Vozes, 2000.

- KOHAN, Walter Omar. *Filosofia: O paradoxo de aprender e ensinar*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009.
- KOHAN, Walter Omar. *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- KOHAN, Walter Omar. *Filosofia para crianças*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008
- KOHAN, Walter Omar; WUENSCH, Ana. *Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman*. V. I. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- LEITE, S. J , Serafim., *O Curso de Filosofia e tentativas para se criar a Universidade do Brasil no século XVII*, in *Verbum*, tomo V, Fase. 2, julho de 1948
- LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick S. *O pensar na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995
- LIPMAN, Matthew. *A Filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus, 1990.
- LIPMAN, Matthew. *O Pensar na Educação* Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. *Em defesa da escola: uma questão pública*. Trad. Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- MOREIRA, H. CALEFFE. L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2. ed. São Paulo: DP&A, 2008
- NARDOTO, Eliezer. *História de São Mateus*. São Mateus. Edal. 1999
- NARDOTO, Eliezer. *História, Geografia e economia de São Mateus*. Edal. 2016
- NIELSEN NETO, Henrique. *O ato pedagógico e o ensino da filosofia*. São Paulo: Sofia, 1986.
- PAULI, Zenilza Barros. *Políticas de financiamento da educação básica: a valorização dos profissionais do magistério na rede municipal de ensino de São Mateus / ES*, 2017. Dissertação de mestrado em ensino na educação básica - Universidade Federal do Espírito Santo.
- SILVEIRA, René José Trentin. *A Filosofia vai à escola? Estudo do programa de filosofia para crianças de Matthew Lipman*. São Paulo, 1998. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas.
- SILVEIRA, Renê José Trentin. *O programa de filosofia para crianças de matthew lipman: uma concepção liberal de educação*. *Revista childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v.7, nº. 13, jan./jun. 2011.

SOBRINHO, Rubens Garcia Nunes. Platão e a Imortalidade: Mito e Argumentação no Fédon. Uberlândia. EDUFU. 2007

THOMAL, Alberto. A produção do conhecimento na Educação básica através do ensino de filosofia na escola pública municipal. Florianópolis, 2004. Dissertação (mestrado) – Curso de pós-graduação em inteligência aplicada. Universidade Federal de Santa Catarina,

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. São Paulo: Atlas, 2009.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. Teoria e Prática em Educação. São Paulo: Libertad. 1998.

ANEXO



**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**
Reconhecido pela Portaria MEC/CNE nº 256 de 15/02/2017 publicada no D.O.U. de 16/02/2017

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

São Mateus - ES, 14 de julho de 2018.

Prezado (a) Senhor (a)

Eu, **José Adilson Viera de Jesus**, aluno (a) do curso de **Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação** da **Faculdade Vale do Cricaré**, solicito à Secretaria Municipal de Educação de São Mateus-ES, autorização para realizar pesquisa, com o objetivo de desenvolver trabalho do Mestrado.

Contando com a autorização de V.S.ª colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,


Assinatura do(a) Pesquisador(a)



AUTORIZO EM 16/07/2018

Profa. Zenilza Aparecida Barros Pauli
Secretária Municipal de Educação


Secretária
Luzinete Duarte
Secretária do Mestrado
Portaria DG 002/2012
Faculdade Vale do Cricaré